

Universidade de Brasília  
Faculdade de Tecnologia  
Departamento de Engenharia Florestal  
Área de Estudo: Manejo de Áreas Silvestres

## **Grande Sertão: Veredas - Resgate e Conservação de uma Paisagem Cultural.**

Estudante: Guilherme Braga Neves – 11/0119789

Orientador: Reuber Albuquerque Brandão

Trabalho final para apresentação ao Departamento de Engenharia Florestal da Universidade de Brasília, como parte das exigências para obtenção do título de Engenheiro Florestal.

Brasília, 07 de dezembro de 2015

Universidade de Brasília  
Faculdade de Tecnologia  
Departamento de Engenharia Florestal

**Grande Sertão: Veredas – Resgate e Conservação de uma  
Paisagem Cultural**

Aluno: Guilherme Braga Neves

Menção: \_\_\_\_\_

Aprovada por:

---

Prof. Dr. Reuber Albuquerque Brandão (Departamento de Engenharia Florestal, UnB);  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Eraldo Aparecido Trondoli Matricardi (Departamento de Engenharia Florestal,  
UnB)

---

Mestre Marcelo Daniel Segalerba Bourdette (Ciências Florestais, UnB)

## **Agradecimentos**

Primeiramente agradeço aos meus pais e família que sempre me forneceram os meios para que pudesse alcançar meus objetivos;

Agradeço, e muito, ao meu orientador, Reuber Brandão, pela iniciativa de abordar um tema diferente, fugindo, mais uma vez, do óbvio;

À FUNATURA, especialmente ao Fernando Lima, Paulinho e César Victor, pela disposição e atenção prestadas;

Ao LAFUC, Laboratório de Fauna e Unidades de Conservação, onde tive oportunidade de agregar novos conhecimentos e amigos;

À Maria Eduarda, pela sua paciência, preocupação, grande ajuda e tempo despendido;

Ao amigo Bruno Pereira, mais conhecido como Gaúcho, nas longas madrugadas no Laboratório de Manejo, cada qual ralando nos seus respectivos TCCs;

À Flávia da secretaria do departamento da Eng. Florestal, que sempre se dispôs a ajudar a mim e a tantos outros;

E a todos aqueles que de alguma forma me ajudaram, seja mandando energias positivas ou me dando idéias para o trabalho.

## **Resumo**

O estudo em tela buscou avaliar a paisagem cultural existente na obra *Grande Sertão: Veredas* e estabelecer uma relação com as unidades de conservação existentes na região em que se passa o livro, utilizando técnicas de geoprocessamento. As localidades retiradas do livro tiveram sua paisagem analisada por meio da fotointerpretação, buscando avaliar seus diferentes usos do solo, bem como a situação ambiental da área. Eu consegui apontar algumas localidades da obra, como o Liso do Sussuarão, cidade natal de Riobaldo, próximo a João Pinheiro e dos-Porcos, onde Diadorim passou sua infância. As regiões noroeste de Minas Gerais, sul da Bahia e leste de Goiás, apresentam extensas áreas ligadas a atividades do agronegócio, impulsionando a transformação da paisagem descrita na obra *rosiana*.

Palavras-chave: Cerrado, Conservação, Paisagem, Unidades de Conservação, Grande Sertão: Veredas.

## **Abstract**

This study aimed to evaluate and establish a relationship between the cultural landscape introduced in *The Devil to Pay in the Backlands* and the protected areas in the region approached in the book, by means of the use of geoprocessing tools. The localities extracted from the book had their landscape analyzed by photo interpretation, allowing the evaluation of different types of land use, as well as the environmental state of the area. I was able to point out some localities from the book, such as Liso do Sussuarão, Riobaldo's hometown, near João Pinheiro and dos-Porcos, where Diadorim spent his childhood. The northeast of Minas Gerais, southeast of Bahia and east of Goiás are regions that features extensive parts of land attached to the agricultural business that promotes the transformation of the landscape described in the book, threatening the cultural landscape described in the book.

Keywords: Cerrado, Conservation, Landscape, Protected Areas, The Devil to Pay in the Backlands.

## Sumário

<b>1. Introdução</b> .....	9
<b>1.1. O que é o Grande Sertão Veredas?</b> .....	9
<b>1.2. Cenário Grande Sertão Veredas</b> .....	11
<b>1.3. O que é uma Paisagem Cultural?</b> .....	13
<b>1.4. Patrimônios Culturais</b> .....	13
<b>1.5. Importância Ambiental</b> .....	14
<b>1.6. Unidades de Conservação</b> .....	15
<b>1.6.1. Parque Nacional Grande Sertão Veredas</b> .....	18
<b>2. Objetivos</b> .....	19
<b>2.1. Objetivo geral</b> .....	19
<b>2.2. Objetivos específicos</b> .....	20
<b>3. Material e Métodos</b> .....	20
<b>3.1. Área de estudo</b> .....	20
<b>3.2. Metodologia</b> .....	22
<b>4. Resultados e discussão</b> .....	22
<b>4.1. Paisagem no <i>Grande Sertão: Veredas</i></b> .....	23
<b>4.2. Localidades visitadas por Riobaldo</b> .....	24
<b>4.2.1. Porto do rio de Janeiro</b> .....	27
<b>4.2.2. Córrego do Batistério</b> .....	30
<b>4.2.3. Fazenda Santa Catarina</b> .....	32
<b>4.2.4. Guararavacã do Guaicuí</b> .....	32
<b>4.2.5. Liso do Sussuarão</b> .....	33
<b>4.2.6. João Pinheiro</b> .....	37
<b>4.2.7. Ribeirão Galho da Vida</b> .....	38
<b>4.2.8. Fazenda dos Tucanos</b> .....	39
<b>4.2.9. dos Porcos</b> .....	40
<b>4.2.10. Cristalina</b> .....	41
<b>4.2.11. Itacambira</b> .....	42
<b>4.2.12. Fazenda do Hermógenes</b> .....	43
<b>4.2.13. Tamanduá-tão</b> .....	44
<b>4.2.14. Paredão</b> .....	45
<b>4.3. Unidades de Conservação em <i>Grande Sertão: Veredas</i></b> .....	48

4.3.1. A biodiversidade das Unidades de Conservação.....	52
4.4. Paisagem atual.....	53
4.5. Relevância do estudo.....	54
a. Desenvolvimento da região através do turismo.....	54
b. Estimular parcerias .....	55
c. Fomentar a cultura brasileira.....	57
d. Fortalecer as Unidades de Conservação .....	57
e. Reduzir degradação do bioma Cerrado.....	58
5. Considerações finais.....	58
6. Referências Bibliográficas.....	59
Anexo I .....	62

## Índice de Figuras

Figura 1. Apresentação dos diferentes biomas presentes nos estados de estudo. Fonte: do autor. ....	21
Figura 2. Capa do livro Itinerário de Riobaldo Tatarana – Geografia e toponímia em Grande Sertão: Veredas. 4ª edição. Belo Horizonte, 2007. Ed. Crisálida. Autor: Alan Viggiano. ....	23
Figura 3. Capa do livro Grande Sertão: Veredas. 7ª edição. Rio de Janeiro, 1970. Ed. Livraria José Olympio. Autor: João Guimarães Rosa. ....	23
Figura 4. Cidades identificadas e visitadas por Riobaldo Tatarana (o Sertão). Fonte: do autor. ....	25
Figura 5. Principais rios citados por Riobaldo Tatarana. Fonte: do autor. ....	26
Figura 6. Principais localidades citadas na obra Grande Sertão: Veredas. Fonte: do autor. ...	27
Figura 7. Detalhe do rio de Janeiro e as atividades degradantes praticadas nos seus arredores. ....	29
Figura 8. Estação Ecológica de Pirapitinga, ao centro, e atividades como agricultura e pecuária em terras vizinhas. ....	30
Figura 9. Córrego do Batistério que verte no rio das Velhas e as atividades potencialmente degradantes. ....	31
Figura 10. Local da Fazenda Santa Catarina, onde Otacília, futura esposa de Riobaldo morava. ....	32
Figura 11. Guararavacã do Guaicuí às margens do rio das Velhas ao encontro do rio São Francisco. ....	33
Figura 12. Localização da Serra da Suçuarana - BA. Fonte: IBGE (2011).....	35
Figura 13. Localização dos córregos dos Bois e lagoa Suçuarana - MG. Fonte: IBGE (2011). ....	35
Figura 14. Liso do Sussuarão, localizado no município de Cocos - BA. ....	37
Figura 15. Imagem aérea do norte do município de João Pinheiro, entre as serras da Maravilha e dos Alegres. ....	38
Figura 16. Vista do ribeirão Galho-da-Vida e seu alto grau de ação antrópica modificando a paisagem. ....	39
Figura 17. Provável localização da Fazenda dos Tucanos. ....	40
Figura 18. Local onde Diadorim passou sua infância. ....	41
Figura 19. Vista aérea de Cristalina-GO com o rio São Marcos marcando os limites dos estados de Goiás (à esquerda) e Minas Gerais (à direita). ....	42
Figura 20. Imagem de Itacambira, cidade natal de Diadorim. ....	43
Figura 21. Fazenda do Hermógenes à beira do rio das Fêmeas. ....	44
Figura 22. Vereda do Tamanduá-tão em alto grau de modificação. ....	45
Figura 23. Ponto final da obra O Grande Sertão: Veredas, palco da batalha final. ....	46
Figura 24. Mapa relativo à área de lavouras no estado de Minas Gerais. Fonte: IBGE.....	47
Figura 25. Mapa relativo à área de lavouras no estado de Minas Gerais. Fonte: IBGE.....	48
Figura 26. Sobreposição das localidades retiradas da obra rosiana com as unidades de conservação. Fonte: do autor. ....	51
Figura 27. Unidades de Conservação que compõem o Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu. Fonte: MMA (2007). ....	57

## **Lista de tabelas**

Tabela 1. Relação de usos para cada categoria de Unidade de Conservação, de acordo com o grupo no qual está inserido. ....	17
Tabela 2. Quantitativo de UCs para cada tipo de categoria encontrada na região.....	48
Tabela 3. Unidades de Conservação existentes na área do Grande Sertão: Veredas.....	49
Tabela 4. Áreas referentes aos diferentes grupos de unidades de conservação presentes na região.....	52
Tabela 5. Biodiversidade de flora e fauna de diferentes unidades de conservação. ....	52
Tabela 6. Lista de espécies vegetais citadas em <i>O Grande Sertão: Veredas</i> . Fonte: do autor. ....	62

## **Lista de Quadros**

Quadro 1. Unidades de conservação que compõem o Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu, localizado no norte de Minas Gerais.....	56
--	----

## 1. Introdução

### 1.1. O que é o Grande Sertão Veredas?

O livro *O Grande Sertão: Veredas*, escrito por João Guimarães Rosa, é considerado tão inovador que pode ser entendido como uma nova categoria de literatura. Classificado como romance, apresenta uma narrativa fortemente descritiva, feita pelo então ex-jagunço, Riobaldo Tatarana, protagonista da obra, a um interlocutor oculto. Durante a narrativa, o ex-jagunço, agora idoso e proprietário de terra, relata de sua trajetória de vida e tudo o que a envolveu desde suas divagações quanto à existência da dicotomia entre o Bem e Mal, perpassando pela fiel e profunda caracterização do meio físico, que se passa no Cerrado brasileiro, e as batalhas travadas, tudo isso enquanto tenta esconder, entender e aceitar sua paixão impossível por um de seus companheiros de bando, Diadorim.

O contexto da obra baseia-se na luta do Bem, exemplificado por Riobaldo e seu bando, contra o Mal, assentado no personagem Hermógenes, líder de um bando de jagunços que assassina o adorado líder do sertão mineiro, Joca Ramiro. A partir daí, inicia-se uma caçada a Hermógenes nas imensidões do sertão, palco de inúmeras batalhas, conflitos, pactos, revelações e romances, tudo isso simultaneamente à ação dos militares, que possuem ordem de expulsar os jagunços do território mineiro.

A narrativa é feita por Riobaldo, que no tempo presente da obra é dono de grandes fazendas tendo antigos companheiros como vizinhos (posseiros). A história se passa pelo diálogo entre Riobaldo e um homem letrado, com estudo, vindo da cidade. No entanto, este interlocutor não possui falas ou nome, sendo suas indagações narradas também pelo protagonista. Essa é uma das características marcantes do livro. Durante o relato de seu passado, Riobaldo aborda questões reflexivas acerca das questões pessoais que o afligem, citando inúmeras metáforas para dar significado a todas suas conversas, jornadas, batalhas, amores, medos e divagações.

A obra pode se tornar um pouco confusa devido ao fato do livro não ser dividido em capítulos, permitindo digressões do narrador para explicitar algum outro relato pertinente, ou não, ao ouvinte. Esta mudança de tempo da narrativa, usada por Guimarães Rosa, aliada às incansáveis travessias de Riobaldo e seu bando, sem saber ao certo em qual direção os jagunços rumam, criam um ambiente semelhante a um labirinto, o que pode ser comparado, metaforicamente, com a vida, onde não sabemos ao certo os melhores caminhos a se seguir em nossa existência (Brait, 1982).

“*Quem sabe, tudo o que já está escrito tem constante reforma – mas que a gente não sabe em que rumo está – em bem ou mal, todo-o-tempo reformando?*” (p.410).

A linguagem sertaneja usada por Rosa é extremamente verossímil, ligada aos primeiros habitantes da região e decifrada, por ele, de forma inigualável. Sua escrita é, sem dúvida, o componente que agrega e unifica todas as outras características e que juntas fazem do livro uma verdadeira obra-prima. Com ela é realmente possível imaginar todas as falas, e porque não, todos os sentimentos vividos no romance. Sem ela, não teria recebido o mesmo destaque.

Deste modo, o livro pode ser dividido, resumidamente, em cinco principais partes:

- 1) Na primeira parte o autor foca, de maneira mais generalizada, as principais temáticas abordadas ao longo da obra, tais como: o povo que ali habitava; o sertão quanto ao seu meio físico e mitológico; funcionamento e hierarquização do sistema jagunço no sertão mineiro; a figura de Deus e do Diabo representando o Bem e o Mal, respectivamente; e Diadorim, amigo por quem era perdidamente apaixonado.
- 2) Em um segundo momento, é abordada a batalha de Riobaldo e Diadorim, chefiados por Medeiro Vaz, em busca de vingança contra os assassinos de Joca Ramiro, denominados de *os hermógenes*, os quais conseguiram fugir.
- 3) Neste trecho, é feita uma digressão de Riobaldo, relatando parte de sua juventude na fazenda São Gregório, de seu pai e padrinho, Selorico Mendes, e de quando conheceu Reinaldo, pseudônimo de Diadorim, no porto do de-Janeiro. Ambos cruzaram o rio São Francisco em uma pequena embarcação. Travessia.
- 4) A partir daqui, Riobaldo que sempre demonstrou ter muito respeito às ideias e ações de Zé Bebelo, passa a duvidar e contestá-lo em diversas ocasiões, o que acaba o tornando o novo líder do bando. Nesta parte da obra rosiana há o possível pacto com o Diabo feito por Riobaldo, nas Veredas-Mortas. A partir deste momento, Riobaldo Tatarana se torna uma pessoa mais confiante, porém mais agressiva e confusa, passando o resto do livro se perguntando se de fato vendeu sua alma ou não ao diabo.
- 5) Ao final do livro, Riobaldo conta ao interlocutor sobre seu casamento com Otacília e de como herdou as fazendas de seu pai, Selorico Mendes, assim como pergunta ao grande amigo Quelemem sua opinião em relação ao seu possível pacto com o Diabo.

O espaço em que ocorre o livro se passa predominantemente no sertão mineiro, mas percorrendo também trechos do sudoeste da Bahia e leste de Goiás. A quantidade de nomes de cidades, vilas, fazendas, serras, veredas, entre outros, são tantas, que fazem com que o leitor se perca nesta infinidade de localidades, o que é proposital e reforça a idéia de labirinto no livro e os diversos caminhos que a vida nos apresenta nos rumos do sertão.

## **1.2. Cenário Grande Sertão Veredas**

A partir do século XVII houve a ocupação do noroeste mineiro por dois grupos distintos: i) os vaqueiros da Bahia e Pernambuco, que seguiram a montante do rio São Francisco em busca de boas pastagens para seus gados; ii) os bandeirantes paulistas que buscavam no interior do país riquezas e escravos indígenas. Esta última foi muito incentivada pelo governo colonialista, que buscava uma maior ocupação do interior do Brasil, e esse incentivo foi feito através da doação de sesmarias (FUNATURA, 2003).

Muitos bandeirantes investiram na pecuária, que era a principal atividade econômica da época e foi a responsável pelo primeiro fluxo migratório na região, o que acabou originando inúmeras cidades, algumas delas fundadas pelos próprios bandeirantes, como é o caso de Januária e Morrinhos.

Ao final do século XVIII, o ciclo do ouro apresentava os primeiros sinais de decadência, o que influenciou negativamente toda a economia da região, visto que a mineração era a atividade mais lucrativa daquela época.

Durante os séculos seguintes (XIX – XX), a região já possuía um grande número de fazendas e foi marcada pela disputa territorial e de patrimônio entre seus respectivos donos. Cada propriedade possuía seu batalhão de jagunços, que batalhavam entre si para defender e angariar novas posses em nome de seu chefe. A obra *O Grande Sertão: Veredas* foi inspirado nesse contexto histórico de disputas por terras, bens e poder.

A partir da década de 1970, uma série de programas federais foi criada com o intuito de incentivar uma ocupação mais intensa do interior do país. Incentivos financeiros, principalmente ligados à agricultura e pecuária, foram concebidos para instigar o povoamento destas regiões que até então pareciam esquecidas. No noroeste de Minas Gerais não foi diferente. Com o passar dos anos, os pequenos povoados foram dando lugar a pequenos vilarejos e, conseqüentemente, a pequenas cidades, frutos dos estímulos dados pelo governo federal.

Atualmente, a soja e o milho, no estado de Minas Gerais, são as principais culturas empregadas correspondendo a 65% e 60%, respectivamente, da área plantada (ha) na região Sudeste (IBGE, 2013). O Cerrado é tido como uma nova fronteira agrícola do país, pois possui características muito favoráveis a esse tipo de atividade, como: solos profundos; de fácil manejo; relevo relativamente plano; possibilita uso de maquinário (tecnologia), entre outros.

“(…) *O Urucuia vem dos montões oeste. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá – fazendões de fazendas (…)*”.

No ano de 1989, o Parque Nacional Grande Sertão Veredas foi criado com 89.000 hectares e a região noroeste mineira passou também a ser conhecida como um importante centro de conservação do Cerrado, não apenas por cobrir considerável extensão territorial em forma de Unidade de Conservação, mas também por estreitar as relações sociais daqueles que vivem na região por meio de diversos tipos de eventos culturais.

Além do uso agropecuário das áreas de cerrado, é possível buscar desenvolvimento econômico e social dos habitantes com uso de ferramentas menos impactantes do ponto de vista ambiental, como é o caso do turismo. A partir deste, é possível fomentar a proteção e conservação do cerrado por meio do ecoturismo, mais precisamente o cultural, social, de aventura, entre outros. Desta forma, por ser um cenário muito bem descrito na obra-prima *Grande Sertão: Veredas* e por haver uma grande legião de adoradores da obra, a região pode ser favorecida se for “propagandeada” com o intuito de divulgar e reviver o romance escrito por Guimarães Rosa, associada à idéia da necessidade de conservação desta paisagem, no contexto de um bioma considerado *hotspot* mundial de conservação (Myers *et al* 2000).

Já existem, inclusive, projetos que visam enaltecer o sertão mineiro por meio de caminhadas por trajetos descritos no livro, como é o caso do *Caminho do Sertão* e festivais de cunho sócio-cultural, como é o caso do *Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas*, no qual se promovem as práticas culturais das diferentes comunidades residentes no Vale do Urucuia.

### **1.3. O que é uma Paisagem Cultural?**

A paisagem é definida como a fração visível do meio ambiente, seja natural ou antrópica, que é percebido e experimentado pelo observador através de seus sentidos, cujas interpretações variam de observador para observador (Muñárriz, 2011). Além dos sentidos, as emoções e sentimentos também são fatores de interação com a paisagem.

A paisagem cultural, por sua vez, agrega à paisagem os valores culturais existentes na população local, que possui suas próprias crenças, conhecimento e relações com o meio em que está inserido, e com a própria natureza e sua diversidade, denominada também de Paisagem Natural. (Zanirato *et al*, 2006) define Patrimônio Natural como “*uma área natural que apresenta características singulares que registram eventos do passado e a ocorrência de espécies endêmicas.*”. Com base nessas definições, fica possível relacionar a importância deste espaço natural com as pessoas que habitam essas regiões.

Desta forma, podemos inferir que Paisagem Cultural é a união entre o espaço natural existente, juntamente com a vida das populações locais, evidenciando as diferentes formas de uso, respeito e contemplação destes com os ambientes naturais.

### **1.4. Patrimônios Culturais**

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) possui um centro de pesquisa que busca identificar regiões ou localidades que possuam alguma importância cultural, biológica, geológica, arquitetônica e/ou social. A partir deste levantamento, passam a monitorar estes ambientes para que sua importância e existência sejam garantidas, de modo a servirem como opção de visitação às novas gerações.

Os dez critérios utilizados são fruto de anos de discussão e atualização, de modo que estão sempre sendo revisados pelos membros do comitê da UNESCO. Os critérios buscam:

- (i) Representar uma obra-prima do gênio criativo humano;
- (ii) Mostrar um importante intercâmbio de valores humanos durante um período de tempo, ou dentro de uma área cultural do mundo, sobre a evolução da arquitetura ou da tecnologia, das artes monumentais, urbanismo ou projeto paisagístico;
- (iii) Dar um testemunho único ou pelo menos excepcional de uma tradição cultural ou de uma civilização viva ou desaparecida;

- (iv) Ser um excelente exemplo de um tipo de construção, conjunto arquitetônico ou tecnológico ou de paisagem que ilustre a fase significativa da história humana;
- (v) Ser um exemplo notável de estabelecimento humano tradicional, uso da terra, ou uso do mar, e que seja representativo de uma cultura (ou culturas), ou interação humana com o meio ambiente, especialmente quando se tornou vulnerável sob o impacto de uma mudança irreversível;
- (vi) Estar associado direta ou indiretamente com acontecimentos ou tradições vivas, com idéias, ou com crenças, com trabalhos artísticos e literários de significado universal excepcional. (O Comitê considera que este critério deve ser utilizado em conjunto com outros critérios).
- (vii) Conter fenômenos naturais ou áreas de excepcional beleza natural e importância estética;
- (viii) Conter exemplos representativos de grandes etapas da história da Terra, incluindo o registro da vida, significativa em processos geológicos no desenvolvimento de formas de relevo, ou características geomorfológicas ou fisiográficas significativas;
- (ix) Conter exemplos magníficos e significantes acerca de processos ecológicos e biológicos na evolução e desenvolvimento dos ecossistemas terrestres, de água doce, costeira e ecossistemas e comunidades de plantas e animais marinhos;
- (x) Conter os habitats naturais mais importantes e significativos para a conservação *in situ* da diversidade biológica, incluindo aqueles que contenham espécies ameaçadas de valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou conservação.

### **1.5. Importância Ambiental**

O presente trabalho se fundamenta na argumentação de que as áreas remanescentes de vegetação nativa devem ser protegidas e conservadas, pois trazem à população uma série de benefícios cujo valor de existência é de difícil quantificação. É o caso dos serviços ambientais como a manutenção da qualidade do ar e, simultaneamente, o sequestro de carbono; a manutenção da quantidade de água nos rios por meio das matas de galeria que servem de barreiras aos sedimentos escoados pela água da chuva; manutenção do clima, visto que a evapotranspiração das folhas é fundamental para formação das nuvens; e manter a biodiversidade, tanto da flora quanto da fauna, para as gerações futuras. Agregar ao valor

ambiental o reconhecimento do valor cultural das paisagens pode trazer argumentos relevantes para convencer a sociedade e seus representantes da necessidade de criar instrumentos efetivos de preservação destes remanescentes.

A crise ambiental na qual o Brasil se encontra é mais uma prova de que projetos de cunho conservacionistas e que visam estreitar os laços entre pessoas e natureza são fundamentais para que se possa nortear de forma eficiente, justa e equilibrada o desenvolvimento do país.

Os estudos científicos nas áreas da ecologia, botânica, zoologia, florestal, dentre outros, são de suma importância para o desenvolvimento de novos medicamentos, vacinas, cosméticos ou até mesmo o registro de espécies novas nunca antes descritas. Vale ressaltar que parte dos medicamentos usados nos dias atuais são produzidos com matéria prima de origem vegetal. A medicina popular também faz largo uso de espécies do Cerrado no combate a algumas doenças, como é o caso do barbatimão (*Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville) no combate a infecções (Bessa *et al.*, 2013) e a laranjinha (*Styrax ferrugineus* Nees & Mart.) para tosse e bronquite, segundo (Martins, 2006).

### **1.6. Unidades de Conservação**

As unidades de conservação são regidas pela Lei N° 9.985, de 18 de julho de 2000, mais conhecida como a lei do SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação. De acordo com a lei, as unidades de conservação são: *“espaços territoriais e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção”*.

Segundo SNUC (2000), a lei possui treze objetivos, conforme descrito abaixo:

I - contribuir para a manutenção da diversidade biológica e dos recursos genéticos no território nacional e nas águas jurisdicionais;

II - proteger as espécies ameaçadas de extinção no âmbito regional e nacional;

III - contribuir para a preservação e a restauração da diversidade de ecossistemas naturais;

IV - promover o desenvolvimento sustentável a partir dos recursos naturais;

V - promover a utilização dos princípios e práticas de conservação da natureza no processo de desenvolvimento;

VI - proteger paisagens naturais e pouco alteradas de notável beleza cênica;

VII - proteger as características relevantes de natureza geológica, geomorfológica, espeleológica, arqueológica, paleontológica e cultural;

VIII - proteger e recuperar recursos hídricos e edáficos;

IX - recuperar ou restaurar ecossistemas degradados;

X - proporcionar meios e incentivos para atividades de pesquisa científica, estudos e monitoramento ambiental;

XI - valorizar econômica e socialmente a diversidade biológica; (grifo meu).

XII - favorecer condições e promover a educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico; (grifo meu).

XIII - proteger os recursos naturais necessários à subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente. (grifo meu).

Estas unidades são divididas em dois grupos: Proteção Integral e Uso Sustentável. A primeira, segundo a própria lei, tem o propósito de preservar a natureza, sendo permitido apenas o uso indireto de seus recursos naturais, como, por exemplo, a realização de pesquisas científicas, o turismo e a educação ambiental. Dentro deste grupo cinco categorias de unidades de conservação: Estação Ecológica, Parque Nacional, Reserva Biológica, Monumento Natural e Refúgio de Vida Silvestre.

As unidades de conservação de uso sustentável, por sua vez, são mais flexíveis quanto a utilização destes recursos. A lei institui que a finalidade de unidades de uso sustentável é compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parte dos recursos naturais provenientes dessas áreas. Fazem parte deste grupo sete categorias distintas. São elas: Área de Proteção Ambiental, Área de Relevante Interesse Ecológico, Floresta Nacional, Reserva Extrativista, Reserva de Fauna, Reserva de Desenvolvimento Sustentável e Reserva Particular de Patrimônio Natural.

**Tabela 1.** Relação de usos para cada categoria de Unidade de Conservação, de acordo com o grupo no qual está inserido.

Grupo	Categorias – Unidades de Conservação	Pesquisa Básica	Pesquisa Experimental	Educação. Ambiental	Visita Contemplativa	Visita Lazer	Extrativismo	Manejo de Recursos	Caça e Pesca
<b>Proteção Integral</b>	Estação Ecológica - ESEC	X	X	X					
	Reserva Biológica - RESBIO	X		X					
	Parque Nacional - PARNA	X		X	X	X			
	Monumento Natural - MN	X	X	X	X	X			
	Refúgio de Vida Silvestre - RVS	X	X	X	X	X			
<b>Uso Sustentável</b>	Área de Proteção Ambiental - APA	X	X	X	X	X	X	X	X
	Área de Relevante Interesse Ecológico - ARIE	X	X	X	X	X	X	X	X
	Floresta Nacional - FLONA	X	X	X	X	X	X	X	
	Reserva Extrativista - RESEX	X	X	X	X	X	X	X	
	Reserva de Fauna - REFAU	X	X	X	X	X	X	X	
	Reserva de Desenvolvimento Sustentável - RDS	X	X	X	X	X	X	X	
Reserva Particular do Patrimônio Natural - RPPN	X	X	X	X	X	X			

**Fonte:** Sistema Nacional das Unidades de Conservação – SNUC.

### 1.6.1. Parque Nacional Grande Sertão Veredas

Desde o final da década de 1970 a comunidade científica e organizações ambientais buscavam a criação de um Parque Nacional na região dos Gerais. A FUNATURA (Fundação Pró-Natureza) lutava pela criação do Parque Nacional Grande Sertão Veredas desde sua fundação em 1986, fundamentando seu argumento na importância da biodiversidade, recursos hídricos, paisagens, valores culturais, dentre outros, da região (FUNATURA, 2003).

A ausência de unidades de conservação no noroeste do estado mineiro, local estimado em abrigar cerca de 13 milhões de hectares de vegetação nativa na margem esquerda do Rio São Francisco, era preocupante, visto que o crescimento desordenado da região era evidente. O baixo custo das terras, associado à pavimentação da BR-020, fomentaram o crescimento de atividades agropecuárias na região, deixando vulnerável toda a extensa região descrita por Guimarães Rosa.

A origem do nome do Parque Nacional é uma clara alusão ao aclamado e premiado romance de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, um clássico escrito na década de 1950 que aborda a relação do homem com a natureza, imerso em seu contexto sócio-cultural e ambiental, descrevendo com fidelidade a vida sertaneja brasileira e sua íntima relação com o bioma Cerrado.

As comunidades pública, acadêmica e civil elaboraram uma série de estudos para embasamento da argumentação acerca da criação de uma unidade de conservação na região noroeste de Minas Gerais. Analisando os resultados, concluíram que duas unidades deveriam ser criadas, uma estação ecológica na região baiana e um Parque Nacional na região mineira, onde futuramente seria criado o Parque Nacional Grande Sertão Veredas.

De acordo com o decreto presidencial Nº 97.658 de 12 de abril de 1989, foi criado o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, unidade de conservação de proteção integral com objetivo de, segundo o Art. 11., da Lei do SNUC – Sistema Nacional de Unidade de Conservação: “*a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico*”.

Com área aproximada de 84.000 hectares, o Parque estava localizado no estado de Minas Gerais, mais especificamente nos municípios de Formoso (MG), Chapada Gaúcha (MG) e

Arinos (MG). A ampliação do Parque foi alcançada quinze anos após sua criação. Um novo Decreto, nº 97.658 de 12 de abril de 2004, foi lançado, adicionando 146.200 ha, perfazendo mais de 231.000 ha de Parque, incluindo os municípios baianos de Cocos (BA) e Jaborandi (BA).

A situação fundiária do PNGSV ainda não foi completamente resolvida. Segundo o Plano de Manejo do Parque, apenas 21% de sua área está regularizada. Desta forma, ainda há um número expressivo de pequenos, médios e grandes proprietários de terra. A criação extensiva de gado, principal atividade econômica da região, é a principal causa dos incêndios realizados para abertura ou manutenção de pastagens, o que acaba retirando a cobertura do solo e reduzindo a área habitável por outros animais. Outras perturbações registradas são a mortandade de veados devido às doenças causadas após a passagem de grandes boiadas, além da matança de onças, por parte dos donos das propriedades. A caça ainda é um problema sério na região.

Os pequenos proprietários, apesar de usarem pequenas extensões de terra, fazem uso de Áreas de Preservação Permanente de veredas para cultivarem arroz, feijão, milho e mandioca, além de possuírem criação gado, galinha e porco. Apesar de ser em escala menor, ainda representam impactos negativos dentro do PNGSV. Vale ressaltar que as informações deste tópico foram extraídas do Plano de Manejo do PNGSV.

## **2. Objetivos**

### **2.1. Objetivo geral**

O objetivo geral do presente estudo é traduzir uma paisagem literária em uma paisagem geográfica, avaliando a proporção desta paisagem (cultural e ambiental) que se encontra protegida por unidades de conservação, a proporção já modificada pela atividade antrópica e de que forma a relevância cultural desta paisagem pode contribuir para a conservação dos remanescentes e para indicar valores às unidades de conservação atuais.

Como produto do trabalho espero: 1. Reconhecer as localidades descritas na obra, resgatando a toponímia original de muitas destas e como tais localidades se inserem no contexto da paisagem de estudo; 2. Recuperar o trajeto percorrido pelo personagem principal; 3. Associar valores culturais presentes nas unidades de conservação (p.ex. passagens do livro protegidas em unidades de conservação), atribuindo, desta forma, outros valores a essas áreas protegidas; 4. Utilizar passagens do livro para atribuir valor cultural aos remanescentes de

vegetação nativas ainda não protegidas, contribuindo para a eventual criação de novas unidades de conservação; 5. Elaborar uma publicação com os resultados no presente estudo.

## **2.2. Objetivos específicos**

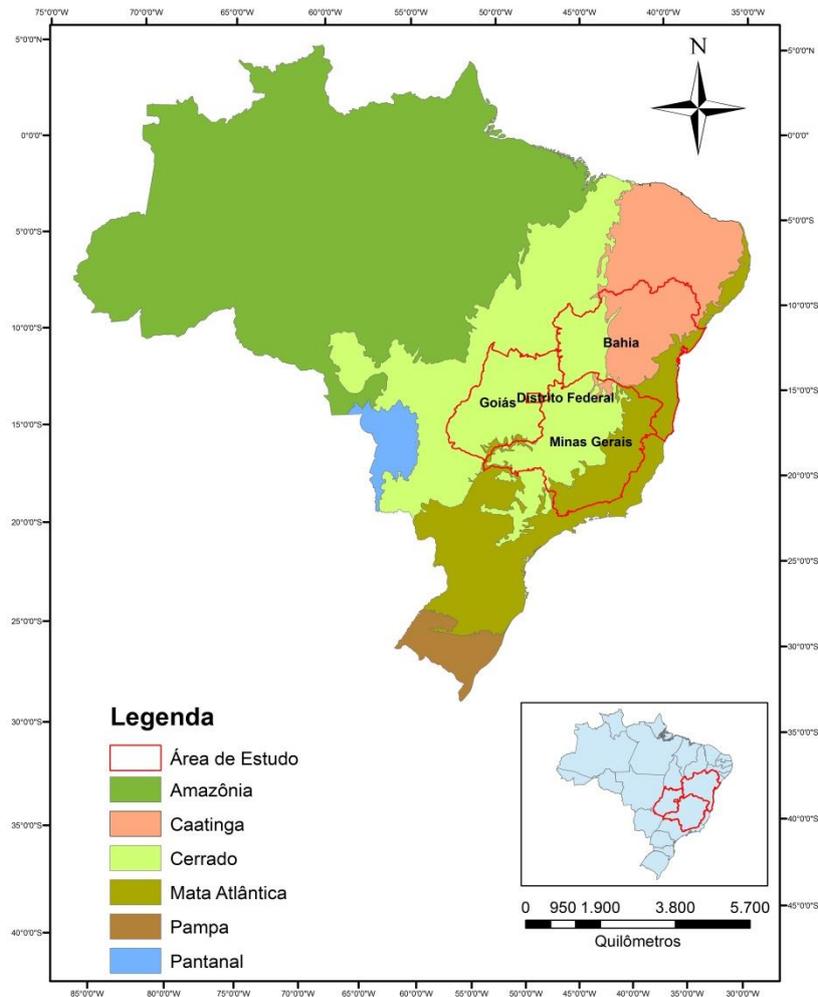
Os objetivos específicos do presente trabalho são:

- a. Atualizar a nomenclatura das localidades (cidades, vilas, fazendas, serras, rios, dentre outros) citadas na obra e espacializar as mesmas;
- b. Descrever e espacializar as possíveis localidades percorridas pelo personagem principal (Riobaldo);
- c. Caracterizar o roteiro como uma paisagem cultural e ambiental;
- d. Sobrepor o roteiro com mapa de Unidades de Conservação, avaliando a proporção da paisagem atual protegida;
- e. Avaliar o uso de solo na paisagem cultural do livro, localidades e áreas protegidas, ressaltando o papel das áreas protegidas na preservação desta paisagem cultural.

## **3. Material e Métodos**

### **3.1. Área de estudo**

A área de estudo compreende três estados brasileiros: o noroeste mineiro, porção sul da Bahia e leste goiano. No entanto, a obra se passa, majoritariamente, no estado de Minas Gerais, que por possuir extensa superfície territorial, apresenta grandes variações de clima, relevo e disponibilidade de recursos hídricos propiciando uma paisagem natural, rica e diversificada, que está presente em três grandes biomas brasileiros: Cerrado, Mata Atlântica e Caatinga.



**Figura 1.** Apresentação dos diferentes biomas presentes nos estados de estudo. Fonte: do autor.

A região de estudo combina aspectos ficcionais, retirados das descrições do sertão apresentadas por Riobaldo ao longo do livro, associado às localidades reais correspondentes às descrições do mesmo. Com base na combinação destas duas vertentes de estudo, é possível reconhecer uma região específica do noroeste de Minas, sul da Bahia e leste de Goiás. Todas elas estão relacionadas a localidades reais (Viggiano, 1974). Ressalto também que apesar de maior parte da obra ficar contida ao noroeste mineiro, algumas cidades a leste e ao sul do estado de Minas Gerais também são visitadas por Riobaldo, bem como localidades na Bahia e em Goiás.

### **3.2. Metodologia**

O estudo foi realizado por meio da leitura da obra *O Grande Sertão: Veredas*, no qual foram identificadas as localidades (fazendas, acidentes geográficos, rios, estradas) visitadas pelo personagem principal durante sua epopéia no sertão, as quais foram armazenadas em planilhas digitais.

A nomenclatura das localidades foi atualizada com base em mapas cartográfico do IBGE e outras fontes, como no livro *Vocabulário Geográfico do Estado de Minas Gerais: contribuição para o dicionário geográfico brasileiro* (IBGE, 1951), além de publicações similares para outros estados.

A identificação do possível roteiro percorrido pelo protagonista Riobaldo foi efetuada a partir do banco de dados criado, assim como pela busca na literatura, como o livro *Itinerário de Riobaldo Tatarana: Geografia e Toponímia em Grande Sertão: Veredas* (Viggiano, 1974) possibilitando, conseqüentemente, a comparação entre unidades de conservação e seus respectivos graus de conservação, as quais serão produzidas por meio da ferramenta de geoprocessamento *ArcGis 10.1*. A descrição das localidades retiradas do livro foi feita através da fotointerpretação de cenas retiradas do *Google Earth*, todas do ano de 2015, localizadas no Item 4.2.

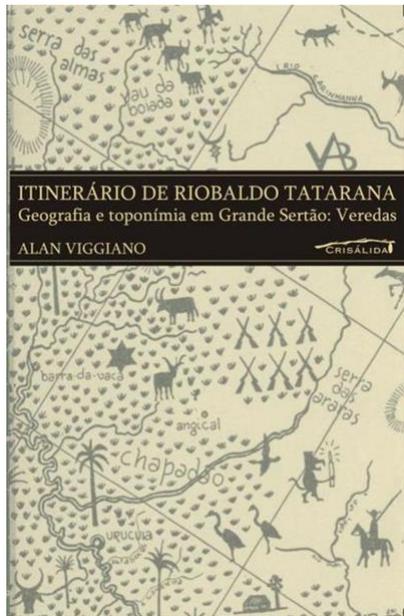
A sobreposição do roteiro traçado por Riobaldo com as Unidades de Conservação (MMA, 2009) será feita no intuito de avaliar a proporção da paisagem atual que está efetivamente protegida nas unidades de conservação.

A identificação das espécies vegetais citadas no decorrer do livro foi feita através do site da Re flora – Lista de Espécies da Flora do Brasil, um dos principais sites para obtenção de características fisiográficas de espécies nativas.

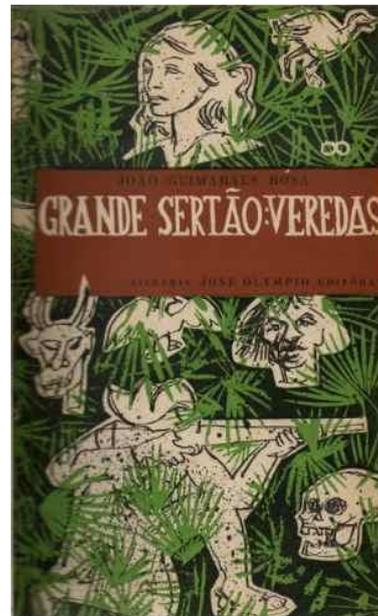
### **4. Resultados e discussão**

Depois de retiradas as informações necessárias do livro obtive dados para sobrepor as principais localidades e as unidades de conservação existentes, além do trajeto percorrido por Riobaldo e seu bando. Conforme previsto no item 1.1, o elevado número de localidades citadas na obra, mais de 200, impossibilita uma análise com maior precisão sobre cada uma delas. Diante deste fato, irei abordar os principais pontos de passagens, sejam eles

localidades, cidades, fazendas, rios ou acidentes geográficos, que de alguma forma foram importantes e pertinentes no decorrer do livro. Para tal, usei como referência o livro de Alan Viggiano, escrito em 1974 (Figura 4). Vale ressaltar que os trechos retirados da obra são referentes à 7ª edição da livraria José Olympio (Figura 5).



**Figura 2.** Capa do livro Itinerário de Riobaldo Tatarana – Geografia e toponímia em Grande Sertão: Veredas. 4ª edição. Belo Horizonte, 2007. Ed. Crisálida. Autor: Alan Viggiano.



**Figura 3.** Capa do livro Grande Sertão: Veredas. 7ª edição. Rio de Janeiro, 1970. Ed. Livraria José Olympio. Autor: João Guimarães Rosa.

#### 4.1. Paisagem no *Grande Sertão: Veredas*

O termo paisagem pode ter inúmeras definições, dependendo de quem a está utilizando. Independente da definição, a paisagem é o espaço experimentado de diversos modos, por meio de sentimentos e emoções pessoais, seja pela contemplação de uma beleza cênica, do planejamento da ocupação territorial, das transformações da natureza segundo padrões sociais, ou até mesmo acerca do entendimento das relações da biodiversidade com seu ambiente e/ou como cenário de eventos históricos (Metzger, 2001).

O ambiente retratado na obra remonta a história sertaneja mineira, caracterizando a cultura da população de geraizeiros que habitam essas terras até os dias atuais, sempre trazendo à tona o conhecimento da população local quanto aos diversos usos de espécies vegetais; quanto às crenças que possuem; aos conhecimentos sobre o meio ambiente; e algumas relações ecológicas observadas pelo cangaceiro Riobaldo.

*"E foi aí que o Veraldo, que era de Serra-Frio, reconheceu uma planta que se chamasse Guia-torto, se certo supenho, mas que se chamava candeia na terra dele, a qual se acendia e prendia em forquilha de qualquer árvore, ela aí ia ardendo luminosa, clara, feito uma tocha."* Página 401.

*"No sertão, até enterro simples é festa."* Página 47.

*"Mas a cheia de todo rio carregava muito cuspe de espuma por cima - sinal de que ela ia aumentando, com maiores chuvas nas nascentes."* Página 410.

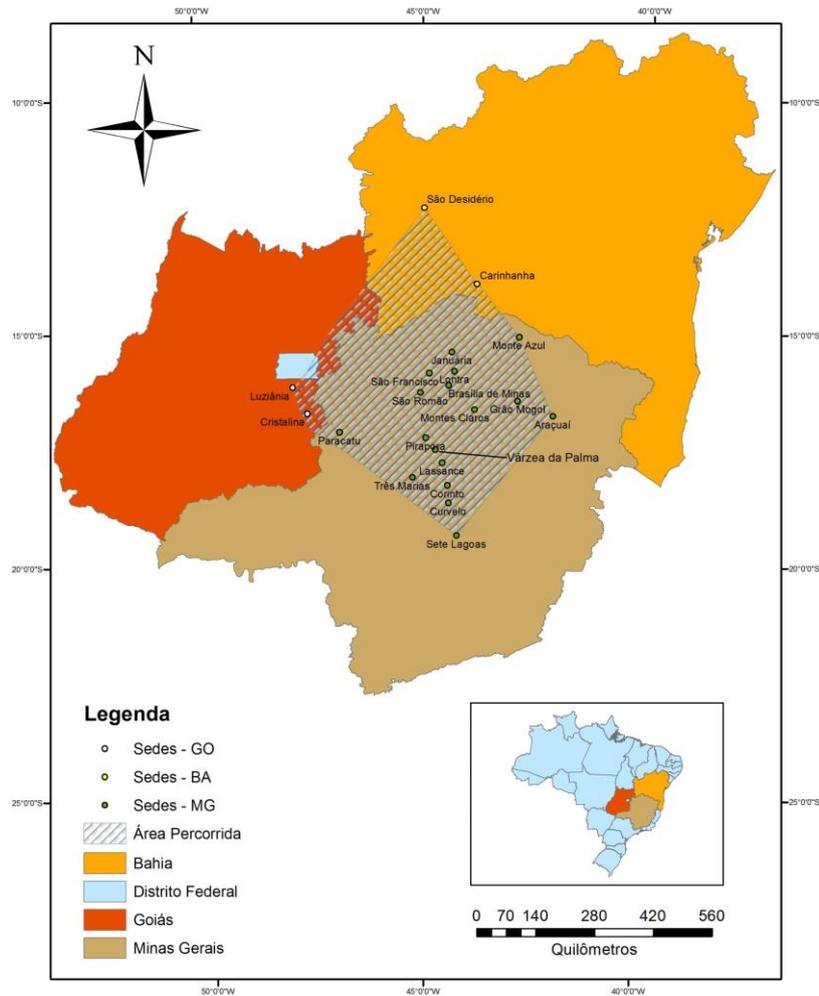
*"Cheiro de campos com flores, forte, em abril: a ciganinha, roxa, e a nhiúca e a escova, amarelinhas... Isto – no Saririnhém. Cigarrras dão bando."* Página 23.

*"Sempre ouvi zum de abelha. O dar de aranha, formigas, abelhas do mato indicavam flores."* Página 384.

Estas relações identificadas ao longo da obra reforçam ainda mais a importância da região quanto a conservação da cultura dessas populações, de modo a preservar seus costumes, crenças, conhecimentos e relações com o meio ambiente.

#### **4.2. Localidades visitadas por Riobaldo**

De acordo com a jornada descrita na obra, criei um mapa baseado nas longas caminhadas efetuadas pelo protagonista. Guimarães Rosa era um profundo conhecedor da geografia brasileira, capaz de relatar com extrema precisão topográfica diversos trechos do livro. As principais cidades visitadas no complexo roteiro feito por Riobaldo e seu bando estão espalhadas em uma grande região (Figura 6). É importante lembrar que essa confusão entre os locais visitados é proposital, de forma a induzir o leitor a se perder no quebra-cabeças criado pelo escritor, reforçando a idéia do labirinto em que o sertão se encontra.



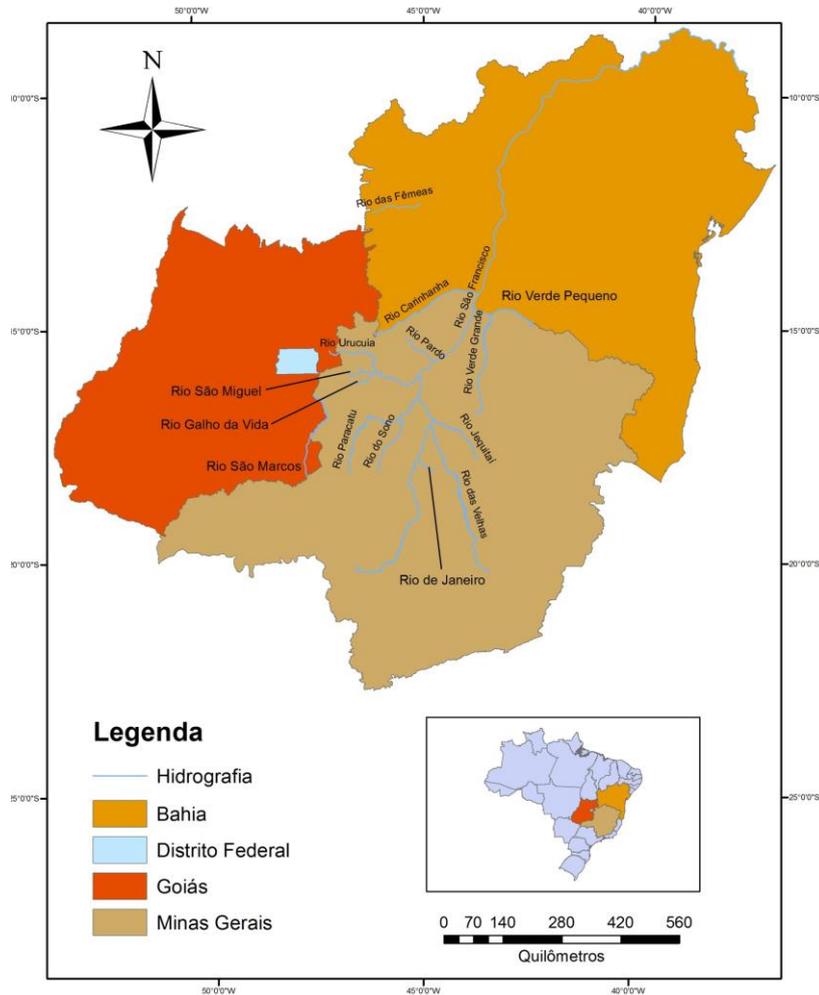
**Figura 4.** Cidades identificadas e visitadas por Riobaldo Tatarana (o Sertão). Fonte: do autor.

Um total de 21 cidades foram visitadas por Riobaldo ao longo de sua vida. Municípios como Sete Lagoas, Arapuá, Luziânia e São Desidério são os pontos extremos que serviram para delimitar a área de atuação do personagem dentro do país, criando um polígono convexo que circunda o Sertão de Riobaldo.

A partir desta, uma poligonal foi criada com base nas informações coletadas e a área percorrida pelo protagonista foi estimada em 258.676 km<sup>2</sup> (Figura 5).

As cidades percorridas por Riobaldo são, em sua maioria, ligadas a algum corpo d'água existente. O próprio prefixo do nome do protagonista nos remete à essa idéia. Esse é apenas mais um detalhe Rosiano em meio a tantos outros, demonstrando mais uma vez sua genialidade.

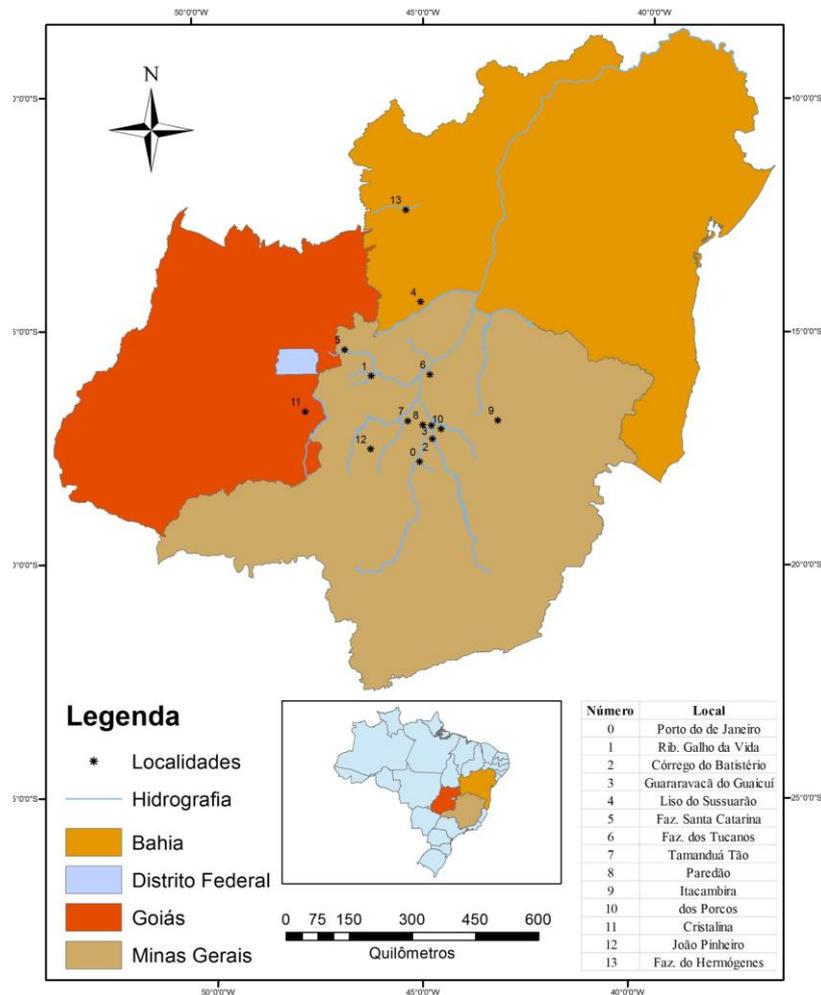
No presente estudo, registrei mais de 60 cursos d'água, entre rios, riachos, ribeirões, lagoas, veredas e córregos. Alguns, considerados mais importantes devido a fatos marcantes existentes no romance, foram selecionados e podem ser observados na Figura 5.



**Figura 5.** Principais rios citados por Riobaldo Tatarana. Fonte: do autor.

O rio São Francisco, além de grande recebedouro de águas provenientes de rios de menor calibre, possui uma característica muito peculiar no sertão rosiano. Os soldados, que recebiam ordens de acabar com o ciclo do banditismo em Minas Gerais, sempre atacavam o bando de Riobaldo quando este atravessava o Velho Chico para sua margem direita. Enquanto estivessem às margens esquerdas, problemas com os militares não haveria.

Além das cidades e rios citados na obra, existem 14 localidades inseridas entre os municípios e corpos d'água citados que serviram de palco para alguns importantes acontecimentos ao longo da narrativa.



**Figura 6.** Principais localidades citadas na obra Grande Sertão: Veredas. Fonte: do autor.

#### 4.2.1. Porto do rio de Janeiro

Esse local foi visitado por Riobaldo quando adolescente, com cerca de quatorze anos, o porto do Rio de Janeiro. Neste local, a mando de sua mãe, Riobaldo arrecadava esmolas para pagar uma missa e colocar uma oferenda dentro de uma cabaça para que esta chegasse, através do rio São Francisco, ao santuário do Bom Jesus, no município de Bom Jesus da Lapa.

O porto era local onde se atracavam pequenas embarcações em que, segundo a obra, escoavam ou negociavam mercadorias provenientes da produção agrícola da região, motivo pelo qual Diadorim estava no local, conforme os trechos a seguir.

*“Porto, lá como quem diz, porque outro nome não há. (...) é uma beira de barranco, com uma venda, uma casa, um curral e um paiol de depósito.”* Página 79.

*“Então ele foi me dizendo, com voz muito natural, que aquele comprador era o tio dele (...).”* Página 80.

Este rio deságua no rio São Francisco e separa os municípios de Três Marias e Lassance. Neste local, Riobaldo conheceu Diadorim, que até então se apresentava como Reinaldo, garoto de mesma idade, e que viria a ser, no futuro, seu grande amigo. Juntos, atravessaram o rio São Francisco em uma estreita canoa. Foi sua primeira travessia. Riobaldo, que não sabia nadar, não estava à vontade, restando ao menino Reinaldo demonstrar confiança e acalmar o novo conhecido com um singelo gesto: dar as mãos.

*“Mas eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido. (...) Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora (...).”* Página 81.

Riobaldo, quando criança, aparentava ser um menino pacato, não muito corajoso. A travessia de uma margem a outra do Velho Chico foi talvez a maior aventura em que esteve, enquanto criança, e por mais que tivesse medo da canoa virar, se forçava a demonstrar bravura e coragem ao novo amigo.

A área está atualmente em estado de conservação ruim, visto que em ambas as margens há sinais de extensa e intensiva ação antrópica, ocasionadas, principalmente, por atividades agropecuárias.

Pode-se observar também que ao longo do rio de Janeiro a área de preservação permanente não segue a legislação federal, que institui que rios de 10 a 50 metros de largura devem ter, no mínimo, 50 metros de área de proteção permanente, segundo a Lei N° 12651, referente ao Código Florestal.

A margem esquerda do rio em questão, ou seja, em Três Marias, é mais grave e se encontra em situação calamitosa. Há uma extensa faixa com solo exposto, derivada, possivelmente, da extenuante atividade pecuária e que tem potencial de ocasionar erosão e compactação do solo

e assoreamento do rio de Janeiro. A própria cor marrom do rio é sinal de que há uma grande quantidade de sedimentos sendo carreados, diminuindo a profundidade do leito do rio, o que consequentemente reduz a vazão e a qualidade da água.



**Figura 7.** Detalhe do rio de Janeiro e as atividades degradantes praticadas nos seus arredores, tais como a presença de áreas destinadas à pecuária e agricultura convencional. Áreas de Preservação Permanente (APP) menores do que os estipulados pela lei do Código Florestal.

Há, no entanto, cerca de 20 km da sede de Três Marias, na divisa com Morada Nova de Minas, a Estação Ecológica de Pirapitinga, unidade de conservação do grupo Proteção Integral, na qual, segundo o SNUC, tem os objetivos de preservar a natureza e realização de pesquisas científicas. Esta foi criada após o represamento do velho Chico, que se deu em 1962, e inúmeras ilhas foram formadas com o represamento da água. Uma destas ilhas deu origem à ESEC de Pirapitinga (Figura 9). Nos arredores da unidade observa-se a agricultura e pecuária como principais atividades desenvolvidas na região.



**Figura 8.** Estação Ecológica de Pirapitinga, ao centro, com pequenas manchas devido, provavelmente, por haver solo exposto e atividades como agricultura e pecuária em terras vizinhas à Unidade. No entanto, é perceptível que há um remanescente de vegetação nativa que se encontra aparentemente em bom estado de conservação.

#### 4.2.2. Córrego do Batistério

Este córrego possui grande importância na narrativa, pois foi nessa região que Riobaldo decidiu fugir do bando de seu, até então líder, Zé Bebelo, no início de sua vida como jagunço, conforme o trecho a seguir descreve.

*“Arranjado o preciso, só se tomou prazo breve, porque recombinaaram por diante os projetos e desarrancamos para a Terra Fofa, quase na demarca com o Grão-Mogol. Em certo ponto do caminho, eu resolvi melhor minha vida.”* Página 105.

A partir deste momento, Riobaldo era um jagunço solitário e com pouca experiência. Após perambular sem rumo certo, Tatarana chegou ao rio das Velhas, situado no município de Pirapora. Seu ponto de parada, mais precisamente, foi às margens do córrego do Batistério, pequeno corpo d’água que deságua no próprio rio das Velhas. Aqui, Riobaldo ficou hospedado na casa de um senhor chamado Manoel Inácio (Malinácio), o qual ofereceu um quarto para o cansado viajante.

Ao acordar, Riobaldo conheceu quatro homens: Joca Ramiro, outros dois jagunços e Reinaldo. Ao perceber que havia reencontrado o menino Reinaldo do porto do rio de Janeiro, agora chamado de Diadorim, Riobaldo decidiu por integrar o grupo de Joca Ramiro, principal líder do sertão até então.

Desta forma, à beira do córrego do Batistério, localizado no município de Pirapora, Riobaldo escolheu entrar de vez na vida de jagunço, ao lado de seu amigo, Diadorim.

A região em volta do córrego do Batistério é basicamente utilizada para produção agrícola, onde existem grandes pivôs centrais em ambas as margens do rio das Velhas, e também fazem uso do solo para pecuária. Os remanescentes naturais são escassos e, mais uma vez, não seguem a legislação federal. A margem esquerda do rio das Velhas não possui os 100 metros de área de preservação necessárias, visto que o rio possui 100 metros de largura. À margem direita, apesar de seguir a legislação vigente, há uma barragem de contenção de água, muito provavelmente usada para abastecer os pivôs.

Nesta região não existe nenhuma unidade de conservação, o que pode explicar a baixa existência de remanescentes naturais, bem como o alto grau de modificação da paisagem.



**Figura 9.** Córrego do Batistério que verte no rio das Velhas e a presença de pivôs centrais e áreas de pastagem, às margens do rio. Sua área de APP também não é devidamente respeita como instituído pelo Código Florestal.

### 4.2.3. Fazenda Santa Catarina

Nesta fazenda, Riobaldo conhece Otacília, moça com quem se casa após largar de vez a vida de jagunço. Esta fazenda se encontra no município de Buritis, perto de onde nasce o rio Urucuia. Este ponto se faz importante pois era uma espécie de base para Riobaldo e seu bando, visto que o dono da fazenda, chamado Amadeu, era amigo dos jagunços.

*“Aos Buritis-Altos, digo ao senhor – vereda acima – até numa Fazenda Santa Catarina se chegar. A gente tinha ciência de que o dono era favorável do nosso lado (...)”*. Página 122.



**Figura 10.** Local da Fazenda Santa Catarina, onde Otacília, futura esposa de Riobaldo morava. O local indica a presença de áreas de lavoura e pastagem próximas às áreas de APP, aumentando o potencial de degradação das atividades existentes.

### 4.2.4. Guararavacã do Guaicuí

Neste momento da obra acontecem dois importantes fatos: Riobaldo tem a certeza de que sente algo a mais por Diadorim, e não apenas uma mera amizade; e a notícia do assassinato de Joca Ramiro. Este local está situado ao norte do município de Várzea da Palma, no encontro do rio das Almas com o São Francisco, próximo ao córrego do Batistério (Figura 7).

A área está muito alterada, com presença de pivô central, áreas de lavoura e um pequeno remanescente de vegetação nativa às margens do rio São Francisco. Mais uma vez, as áreas de preservação permanentes não estão de acordo com o código florestal. O rio das Velhas possui 150 metros de largura, o que implica em 100 metros de APP. Existem residências que estão a menos de 20 metros de distância da margem do rio. O velho Chico, por sua vez, praticamente não possui vegetação ciliar, com exceção do fragmento evidenciado na imagem, além de uma estreita faixa de aproximadamente 40 metros de APP na sua margem direita.



**Figura 11.** Guararavacã do Guaicuí às margens do rio das Velhas ao encontro do rio São Francisco. É percebido o alto grau de ação antrópica na região, restando pequenos fragmentos de vegetação. A existência de atividades ligadas ao agronegócio podem ser observadas, tais como marcas de uso de pivô central e talhões para cultivo de lavouras e pastagens.

#### 4.2.5. Liso do Sussuarão

Este local foi percorrido duas vezes por Riobaldo. Na primeira ele pertencia ao bando de Medeiro Vaz, antigo líder do sertão que buscava “*cutucar de guerrear nos fundões da Bahia!*”, feito que ninguém havia obtido sucesso. Este local é um dos pontos mais

importantes da obra, pois a caracterização feita deste local, durante esta primeira passagem, leva o leitor a compará-lo com o inferno.

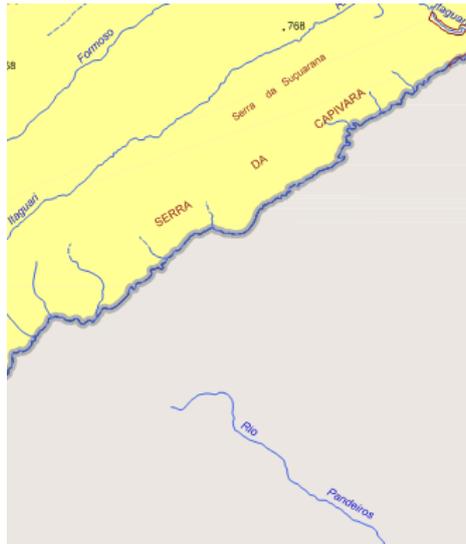
*“Era uma terra diferente, louca, e lagoa de areia. (...)O sol vertia no chão, com sal, enfaiscava. De longe vez, capins mortos; e uns tufo de seca planta – feita cabeleira sem cabeça. (...) E fogo começou a entrar, com o ar, nos pobres peitos da gente.”* Página 39.

Este trecho do livro descreve de forma muito emotiva a passagem dos jagunços e os problemas enfrentados por eles. Além do forte calor, ausência de vegetação e água, os burros que levavam os mantimentos fugiram, deixando Medeiro Vaz e seu bando entregues à fome. A solução para tal problema foi extrema: se alimentar de carne humana. Caso não o fizessem, muitos morreriam.

*“Isto é, uns homens mortos, e mais muitos dos cavalos. Mesmo o mais grave sido que restamos sem os burros, fugidos por infelizes, e a carga quase toda, toda, com os mantimentos, a gente perdemos.”* Página 44.

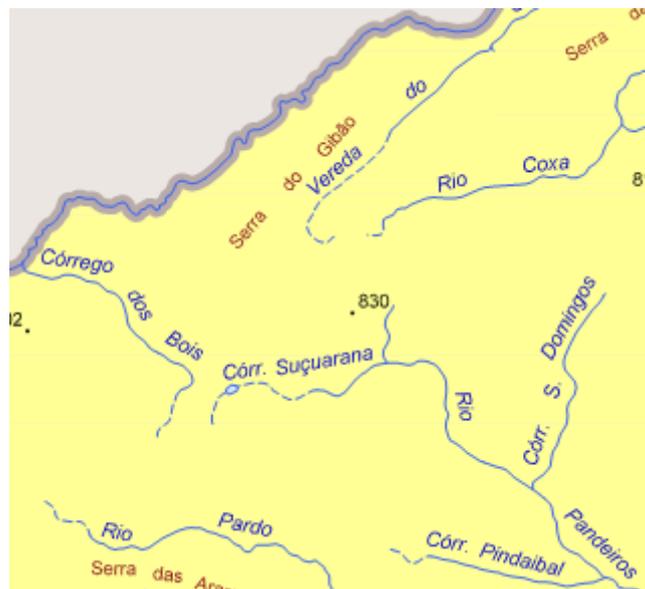
*“(...) os homens tramavam zuretados de fome – caça não achávamos – até que tombaram à bala um macaco vultoso, destrincharam, quartearam e estavam comendo. Provei. (...) enquanto estavam ainda mais assando, e manducando, se soube, o corpudo não era bugio não, não achavam o rabo. Era homem humano, morador (...)”* Página 44.

O Liso do Sussuarão encontra-se na Bahia, muito próximo à divisa com Minas Gerais, na Serra da Suçuarana, mais precisamente no município de Cocos, conforme a Figura 9. Esta indicação é confirmada pela descrição do retorno do bando a Minas Gerais.



**Figura 12.** Localização da Serra da Suçuarana - BA. Fonte: IBGE (2011)

*“Mas pudemos chegar até na beira do dos-Bois, e na Lagoa Sussuarana, ali se pescou. (...) E seguimos o curso que tira da Lagoa Sussuarana, e que recebe o do Jenipapo e a Vereda-do-Vitorino, e que verte no rio Pandeiros (...).”*



**Figura 13.** Localização dos córregos dos Bois e lagoa Suçuarana - MG. Fonte: IBGE (2011).

A segunda tentativa de perpassar o Liso do Sussuarão se dá no momento em que Riobaldo, agora o Urutú-Branco, é o novo líder do bando e deseja cruzá-lo com o objetivo de incendiar a fazenda do Hermógenes, assim como sequestrar sua esposa. Nesta passagem, o bando não possui burros para carregar água e mantimentos. No entanto, o *raso*, como também era chamado, não parece ser o mesmo ambiente visitado pela primeira vez. Além de nuvens, que

amorteciam o calor, o grupo caçou dois veados e observaram a presença de insetos como formigas e abelhas. Esta mudança de ambiente, provavelmente, se deu por conta da época do ano em que tentaram cruzar o Liso. Na primeira tentativa, pode se inferir que se deu na época da seca, entre os meses de junho a agosto, enquanto a travessia bem-sucedida se deu na época das águas, provavelmente de setembro a março. Essa sazonalidade explica as diferenças gritantes encontradas nas duas passagens, conforme os trechos a seguir relatam.

*“Tudo ajudou a gente, o caminho mesmo se economizava..”* Página 384.

*“O que era – que o raso não era tão terrível?”* Página 384.

*“Mas, com a sorte nos mandada, o céu enubeou, o que deu pronto mormaço, e fresco. Tudo em bom socorro”* Página 384.

*“Mas também dois veados a gente caçou – e tinham achado jeito de estarem gordos... Ali, então, tinha de tudo? Afiguro que tinha. Sempre ouvi zum de abelha. O dar de aranhas, formigas, abelhas do mato que indicavam flores.”* Página 384.

*“No que nem o senhor nem ninguém não crê: em paragens, com plantas.”* Página 384.

O sucesso do grupo também pode estar atrelado à estratégia de terem se dividido “*em grupos de poucos, jornadeando com a maior distância aberta*”. Além dos fatores físicos, a confiança em atravessar o Liso do Sussuarão também foi determinante para que obtivessem êxito. Riobaldo estava certo de que conseguiriam completar o objetivo. Essa confiança foi originada do possível pacto do mesmo com o Diabo, realizada nas Veredas-Mortas. Após passar a noite nesta vereda, Riobaldo passou a se tornar mais confiante em todos seus atos. Há, inclusive, trechos do livro em que o próprio reconhece a ajuda do “*demo*”.

*“O demo! Que tanto me ajudasse, que quanto de mim ia tirar côbro?”* Página 385.

Esta área é caracterizada por ter uma topografia levemente ondulada, com baixa amplitude altimétrica, o que favorece a implementação da agricultura convencional. Pela imagem aérea abaixo, é possível observar marcas de pequenos talhões que são usadas para esta atividade. A pecuária também é uma atividade realizada na área, sendo evidenciada nas manchas claras na figura, sinal de solo exposto. É, no entanto, a área que apresenta maior proporção de cobertura vegetal.



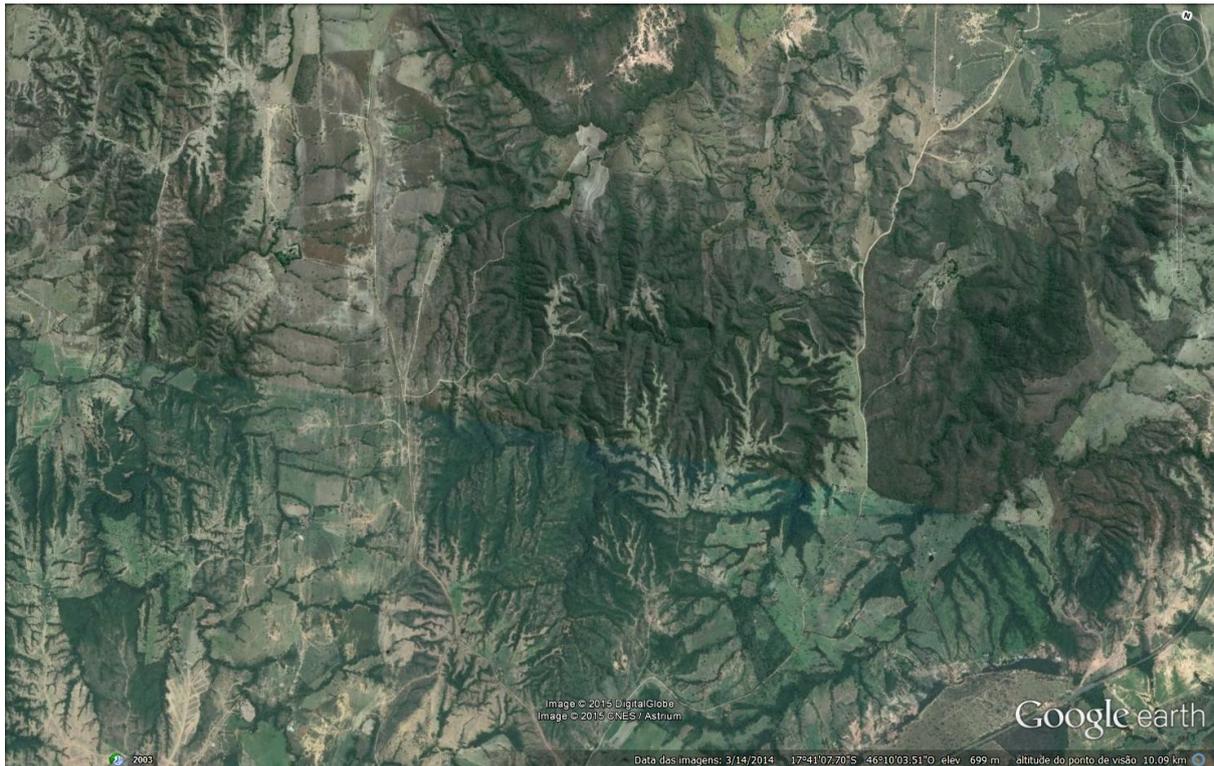
**Figura 14.** Liso do Sussuarão, localizado no município de Cocos - BA. Apesar de ser uma localidade de topografia relativamente plana, existem poucas áreas demarcadas para atividades agropecuárias. É a localidade com maior proporção de cobertura vegetal.

#### 4.2.6. João Pinheiro

A importância desta cidade se deve ao fato de ser a terra natal de Riobaldo Tatarana. Conforme o mesmo conta no trecho abaixo, o Urutú Branco nasceu entre as serras das Maravilhas e dos Alegres.

*“(...) quando eu era menino, no sertãozinho de minha terra – baixo da ponta da Serra das Maravilhas, no entre essa e a Serra dos Alegres, (...) atrás das fontes do Verde, o Verde, que verte no Paracatú.”* Página 35.

O local onde Riobaldo nasceu, por se tratar de uma região mais declivosa, não é a mais recomendada para a prática do agronegócio. É possível inferir, entretanto, sinais de desmatamento nas áreas de preservação permanente relativas às encostas e cursos d'água aqui presentes, principalmente nas áreas marginais da imagem, o que fere a legislação brasileira, segundo o Código Florestal.



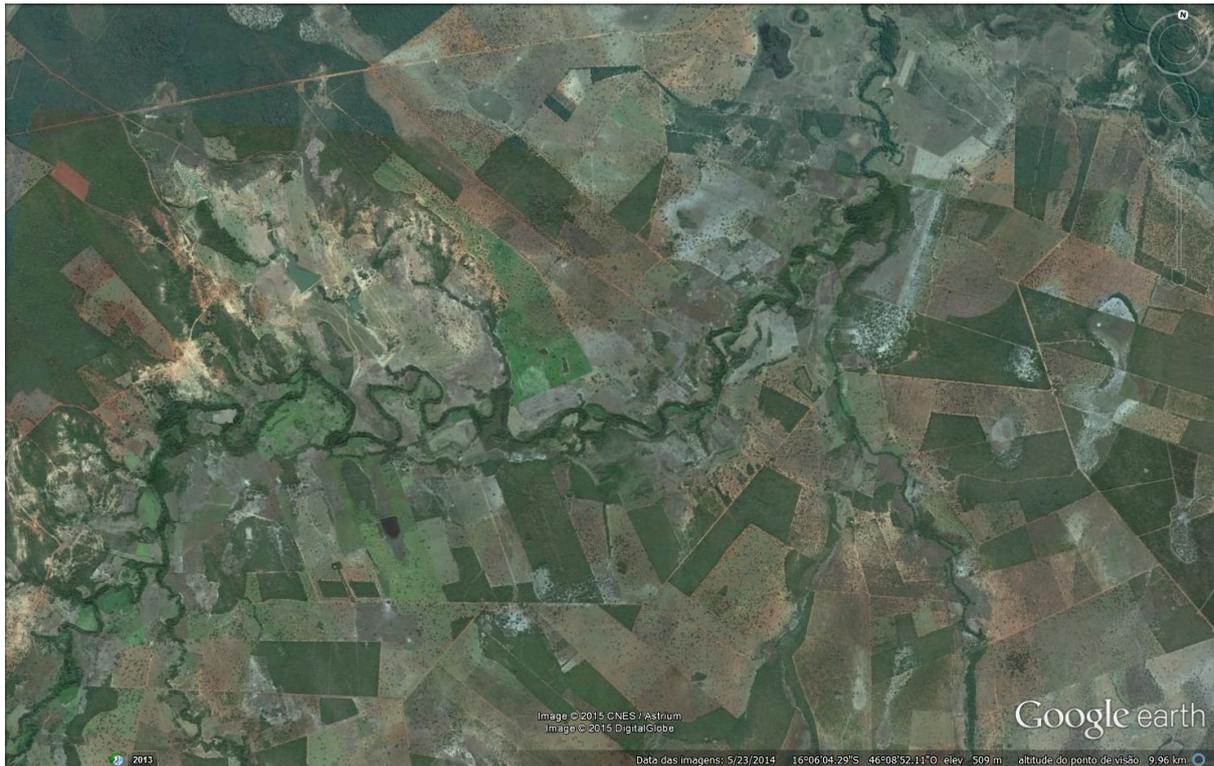
**Figura 15.** Imagem aérea do norte do município de João Pinheiro, entre as serras da Maravilha e dos Alegres. É possível observar uma grande densidade de corpos d’água na imagem, assim como alguns trechos destes ambientes sem cobertura vegetal (áreas mais claras).

#### **4.2.7. Ribeirão Galho da Vida**

Às margens deste ribeirão, durante um curto tiroteio com inimigos, acertaram um tiro de raspão no braço de Riobaldo, que acabou perdendo muito sangue. Além dele, outro companheiro também ficou ferido.

*“(...) numa volta do Ribeirão do Galho da Vida, a gente tinha topado com turma de inimigos, retornados para lá por expiação. Aí foi curto fogo, mas eu levei uma bala, de raspaz, na carne do braço, perdi muito sangue.”* Página 244.

O ribeirão Galho-da-Vida, assim como muitos outros corpos d’água, sofrem com a ação do agronegócio. Além do recorrente crime ambiental proveniente da supressão vegetal das áreas de preservação permanente, há a questão do carreamento de sedimentos do solo, que culminam na erosão, bem como a lixiviação de agrotóxicos para os leitos dos rios. Na imagem abaixo é fácil perceber o alto grau de modificação da paisagem diante do mosaico criado pelos diferentes tamanhos e formatos das plantações e áreas de pastagem.



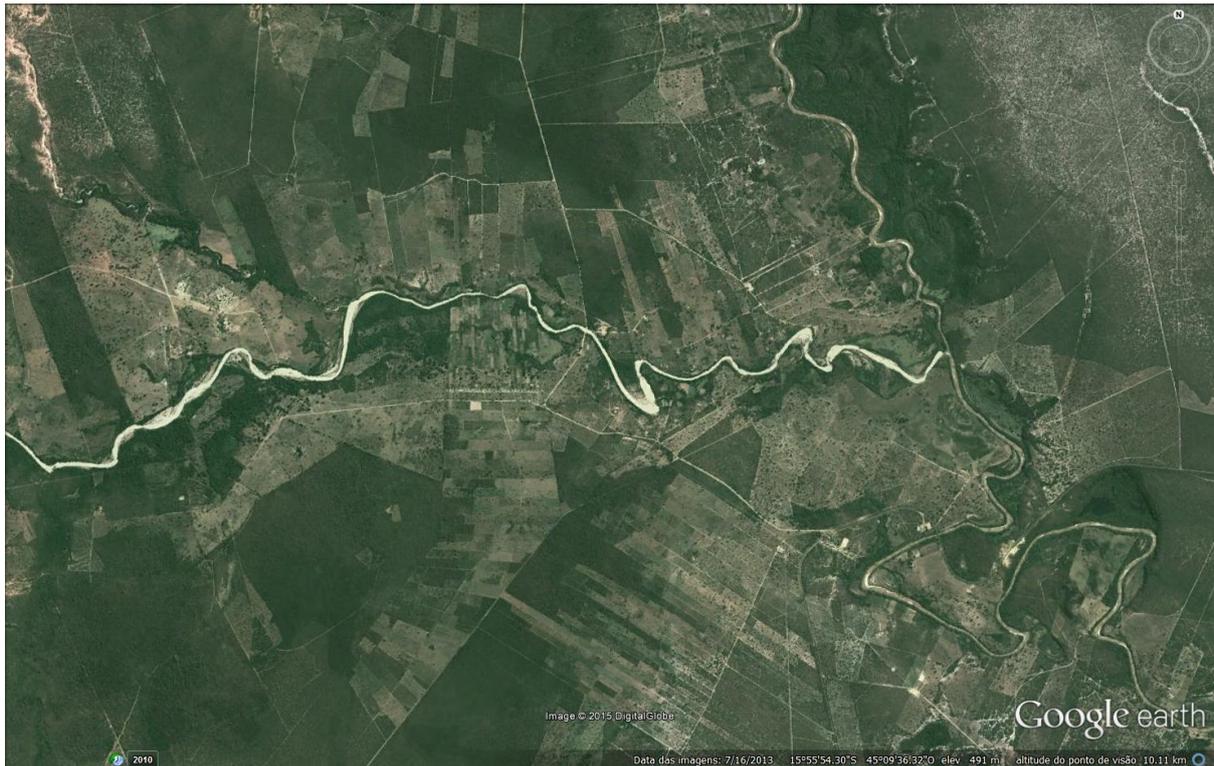
**Figura 16.** Vista do ribeirão Galho-da-Vida e seu alto grau de ação antrópica modificando a paisagem. Existência de pequenos fragmentos florestais, áreas de cultivo e pastagem.

#### **4.2.8. Fazenda dos Tucanos**

Esta fazenda é conhecida pela armadilha feita pelos *hermógenes* contra o grupo do líder Zé Bebelo, do qual Riobaldo fazia parte. Nesta propriedade foi onde Riobaldo passou a contestar de forma mais incisiva as atitudes de seu líder. O plano de Zé Bebelo, que estava acoadado na sede da fazenda, era enviar bilhetes para soldados, indicando sua localização, esperando que os militares afugentassem o bando de Hermógenes, para que, então, pudessem fugir. Para Tatarana, Zé Bebelo era contratado pelo governo para acabar com os jagunços, ou pelo menos expulsá-los para a Bahia.

*”O teor era aquilo mesmo, o simples: que, se os soldados no soflagrante viessem, de rota abatida, sem desperdiçar minuto, então aqui na Fazenda dos Tucanos pegavam caça grossa, reunida (...) de toda a jagunçada maior reinante no vezvez desses gerais sertões.”* Página 250.

Esta região é mais um alvo da ocupação desordenada aliada à produção agrícola e pecuária da região. Os problemas recorrentes são baixa qualidade e oferta de água, ocasionadas pela escassa faixa de vegetação ciliar, que serve como filtro para os sedimentos levados pela enxurrada decorrente da chuva.



**Figura 17.** Provável localização da Fazenda dos Tucanos. Sinais de uso do solo ligados às atividades da agricultura e pastagem, além de trechos de APP menores que o Código Florestal obriga.

#### **4.2.9. dos Porcos**

Dos Porcos é o local onde Diadorim cresceu durante sua infância. Apesar de ter nascido em Itacambira, passou parte de sua vida neste local. O nome deste local advém, provavelmente, do riacho do Porco, próximo ao rio São Francisco, a leste da serra da Onça, no município de Lassance. Este riacho deságua no rio Jequitaiá, que por sua vez joga suas águas no Velho Chico.

*“Mas Diadorim menos me respondeu. Ao dar, que falou: - “Riobaldo, você prezava de ir viver n’Os-Porcos, que lá é bonito sempre – com as estrelas tão reluzidas?...” Dei que sim. Como ia querer dizer diferente: pois lá n’Os-Porcos não era a terra de Diadorim própria, lugar de crescimento?”* Página 216.

A região em que Diadorim passou sua juventude sofreu grandes mudanças da época em que o livro *Grande Sertão: Veredas* foi escrito. A vegetação nativa foi substituída por fazendas de produção, em que a paisagem cênica pouco importa, restando apenas mosaicos formados por pivôs centrais e pastagens.



**Figura 18.** Local onde Diadorim passou sua infância. A agricultura é inferida pela presença de pivôs centrais e talhões para uso de pastagem.

#### **4.2.10. Cristalina**

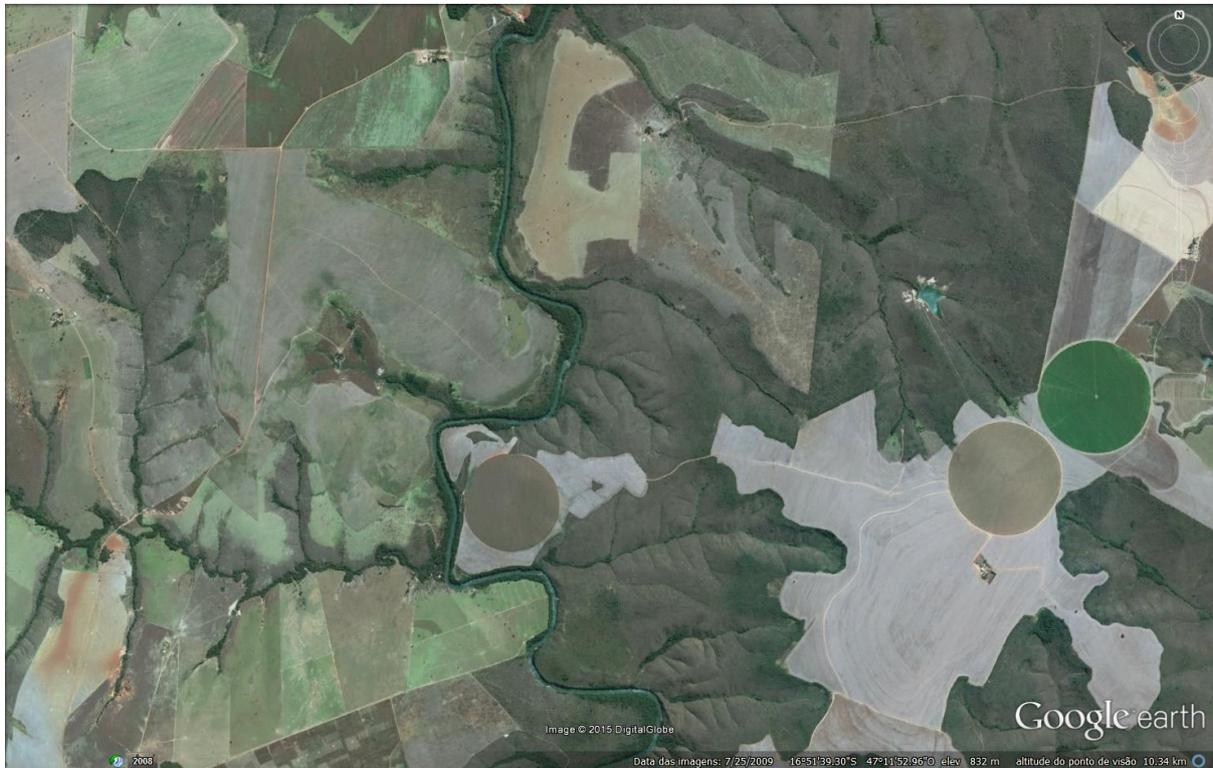
O estado de Goiás também se faz presente na narrativa. Riobaldo, após sequestrar a esposa de seu inimigo Hermógenes, cruza a fronteira com Goiás e segue descendo paralelamente à fronteira de Minas Gerais, em direção ao sul do estado goiano (Figura 7). Riobaldo menciona a cidade Santa Luzia, que atualmente possui o nome de Luziânia, quando Diadorim ganha de presente a famosa marmelada goiana.

*“Pois de repente trouxe e ofertou a Diadorim, de regalo, uma caixeta, da boa e melhor marmelada goiana, dada a valores (...).”* Página 408.

Outra cidade de Goiás que o bando passou foi Cristalina. Apesar de não haver nenhuma menção direta a ela, é possível inferir que eles cruzaram a fronteira de volta a Minas Gerais por Cristalina, pois Riobaldo descreve que cruzaram o rio São Marcos para entrarem no estado mineiro. Sabendo-se que a Serra das Divisões fica no lado oeste do estado goiano, na mesma latitude em que se encontra o rio São Marcos, fica possível inferir que a passagem de um estado a outro se deu por Cristalina.

*“Ao ir, ao que ir – aí contra a Serra das Divisões ou sobre o rio São Marcos.”* Página 409.

A região em que se situa o rio São Marcos também sofre com a falta de cuidado para com o rio. É possível observar um pivô central situado a poucos metros da margem direita do rio. Além de não respeitar a legislação federal vigente no tocante às áreas de proteção permanente, há o risco do uso ilegal da água do rio São Marcos nas áreas de pivôs.



**Figura 19.** Vista aérea de Cristalina-GO com o rio São Marcos marcando os limites dos estados de Goiás (à esquerda) e Minas Gerais (à direita). Do lado mineiro é possível visualizar a presença de dois pivôs centrais, cujas redondezas não apresentam vegetação. Do lado goiano, indícios de talhões para uso pastoreio de animais.

#### 4.2.11. Itacambira

Apesar de não terem passado por essa cidade, esta mostra sua importância por ser cidade natal do verdadeiro amor de Riobaldo: Diadorim. Ao final do livro, quando Riobaldo busca a verdadeira identidade de Diadorim, ele encontra sua certidão de nascimento, que revela seu verdadeiro nome, bem como sua cidade de origem, onde foi batizada. Coincidência ou não, o dia de nascimento de Diadorim é o Dia do Cerrado.

*“Só um letreiro achei. Este papel, que eu trouxe – batistério. Da matriz de Itacambira (...). Lá ela foi levada à pia. Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro da era de 1800 e tantos...(…) Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins”* Página 458.

Por se tratar de uma região mais declivosa, portanto mais suscetível ao carreamento de partículas do solo (erosão), os cumes dos morros aparecem com cor amarronzada, fruto de atividades da agropecuária. Regiões como essa, em que construções são feitas nas encostas, são vulneráveis ao deslizamento de terra, podendo causar graves danos sociais e ambientais.



**Figura 20.** Imagem de Itacambira, cidade natal de Diadorim. Região declivosa, com baixa aptidão agrícola.

#### **4.2.12. Fazenda do Hermógenes**

A fazenda do inimigo número um de Riobaldo e Diadorim fica a oeste da Bahia, próxima à fronteira com o estado de Goiás. A localização desta propriedade se deu pela localização do rio das Fêmeas, curso d'água que passava na área pertencente ao Hermógenes.

*“A terra dele, não se tinha noção qual era; mas redito que possuía gados e fazendas, para la do alto Carinhanha, e no rio do Borá e no rio das Fêmeas, nos gerais da Bahia.”* Página 309.

A região em que esta propriedade está situada encontra-se na região denominada MATOPIBA, que representa a união das iniciais dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, região na qual é tida como uma das novas fronteiras agrícolas brasileira (EMBRAPA, 2014).

Na imagem fica possível inferir que as margens do rio das Fêmeas estão muito degradadas, havendo pouca vegetação, infringindo, mais uma vez, o Código Florestal.



**Figura 21.** Fazenda do Hermógenes à beira do rio das Fêmeas. Presença de áreas destinadas à agricultura e pecuária, em ambos os lados do rio. Em ambas as margens é possível visualizar falhas na vegetação ciliar (APP), não estando de acordo, mais uma vez, com a legislação vigente.

#### 4.2.13. Tamanduá-tão

Este local é uma vereda situada no fundo de um vale, com o formato de uma cruz, conforme o trecho abaixo descreve. Por ter esse formato, a localização desta se dá na base da ponta sul da Serra de Santa Cruz, no município de Buritizeiros.

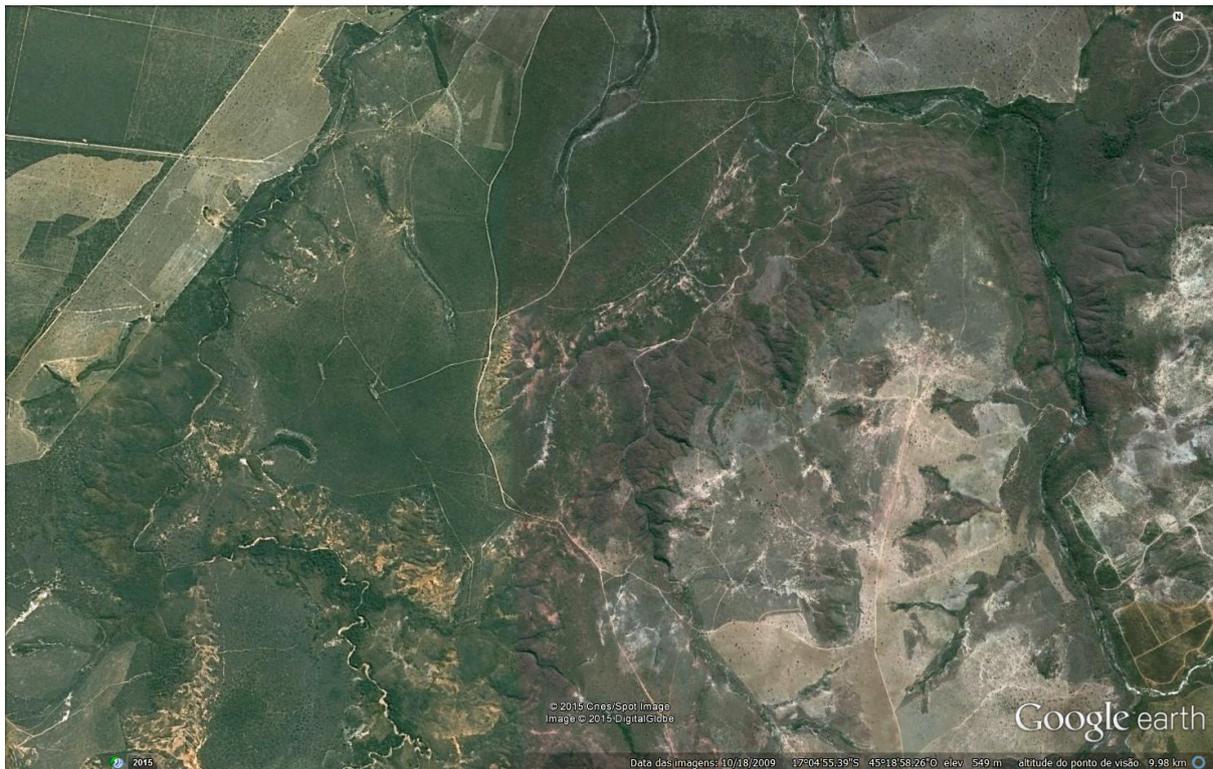
No topo de um dos morros da área, Riobaldo e seu bando avistaram tropas inimigas, os hermógenes. Riobaldo então dividiu seu bando em três grupos, a fim de encurralar as tropas inimigas. Passado o tiroteio, um dos hermógenes, antigo aliado de Joca Ramiro, se entrega. E Riobaldo o tira a vida.

“(…) acolá, na Serra do Tamanduá-tão, vertente abaixo, vinha um cavaleiro. E eram muitos outros.” Página 415.

*“Daí, o da guerra, exato, muito singelo: repartir a gente em três drongos, que íamos descer a serra em diversas bocainas diferentes. (...) para ladear, e revir e cometer, dando todas retaguardas!”* Página 416.

Apesar de terem eliminado um dos líderes do bando inimigo, o Ricardão, o alvo principal, Hermógenes, estava 20 léguas à frente, não sendo possível o encontrar neste momento.

*“(...) o Hermógenes não fazia parte atual daquele bando – mais acontecia de andar, com outros, muito adiantado dali, vinte léguas, avanço no poente.”* Página 421



**Figura 22.** Vereda do Tamanduá-tão em alto grau de modificação. Apesar de não existirem muitas áreas para atividades agropecuárias, há indícios de regiões em que não há cobertura do solo, aumentando risco de erosões e deslizamento de terra em locais mais declivosos.

#### **4.2.14. Paredão**

O Paredão fica situado no município de Buritizeiros, à margem esquerda do rio São Francisco. Este é o ponto final na narrativa de Riobaldo. Aqui acontece a grande guerra entre os jagunços de Riobaldo, o Urutú-Branco, contra o bando de Hérmo genes, assassino de Joca Ramiro. Após a batalha final, Hermógenes, o pactário, sucumbe ao embate físico com Diadorim, que consegue cravar sua faca em Hermógenes, o sangrando até a morte, mas também morrendo durante a luta.

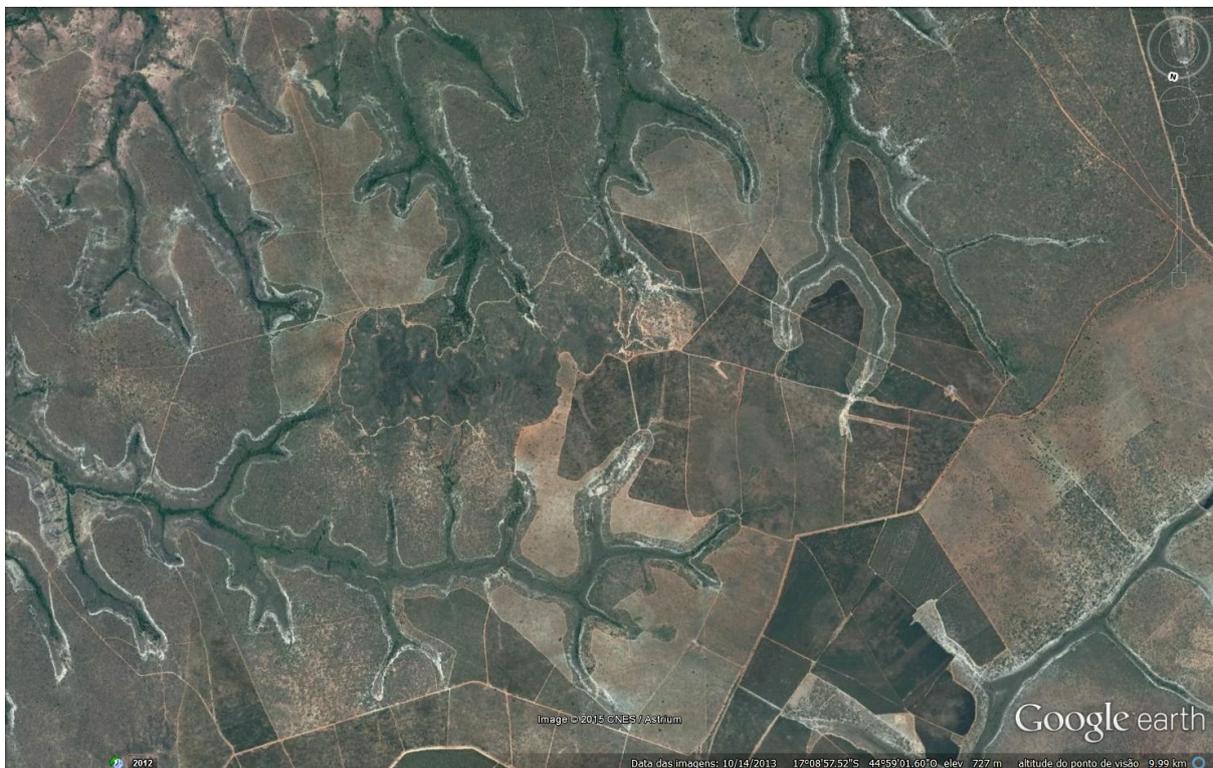
*“Trecheio, aquilo rodou, encarniçados, roldão de tal, dobravam para fora e para dentro, com braços e pernas rodejando, como quem corre nas entortações... O diabo na rua, no meio do redemunho...”* Página 450

*“Sangue. Cortavam toucinho debaixo de couro humano, esfaqueavam carnes.”* Página 450.

*“Diadorim tinha morrido – mil vezes mente – para sempre de mim; e eu sabia, e não queria saber, meus olhos marejaram.”* Página 451.

*“E eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo: - Meu amor!...”* Página 454.

Por fim, Riobaldo larga a vida de jagunço e retorna à Fazenda São Gregório, lugar onde cresceu ao lado de seu padrinho Selorico Mendes.



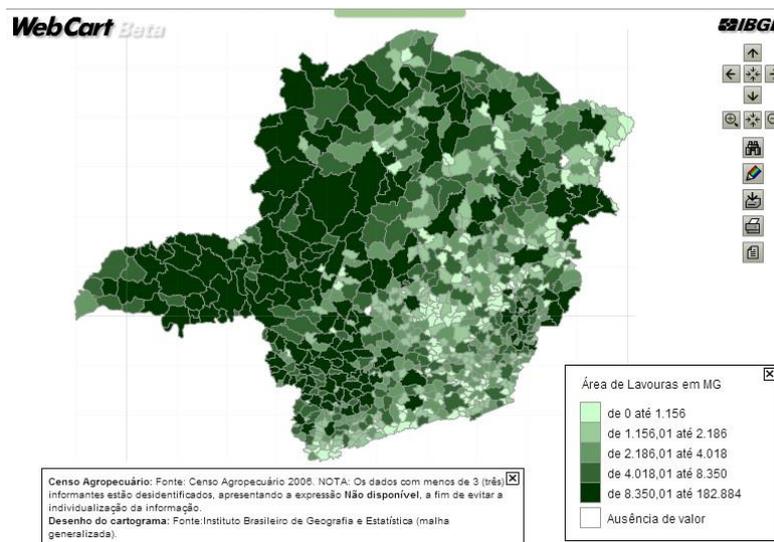
**Figura 23.** Ponto final da obra O Grande Sertão: Veredas, palco da batalha final. Há presença de alguns cursos d’água, muitos dos quais não possuem sua APP conservada, necessitando de plantio de mudas. Áreas destinadas a agricultura e/ou pastagem também podem ser vistas.

De maneira geral existe um alto grau de ação antrópica nas localidades ressaltadas neste tópico. Essa constatação é resultado de décadas de incentivos cedidos pelo governo federal, conforme comentado no tópico 1.2. A necessidade de atividades ligadas à agricultura e pecuária estão atreladas ao modelo de desenvolvimento do governo brasileiro, pois formam

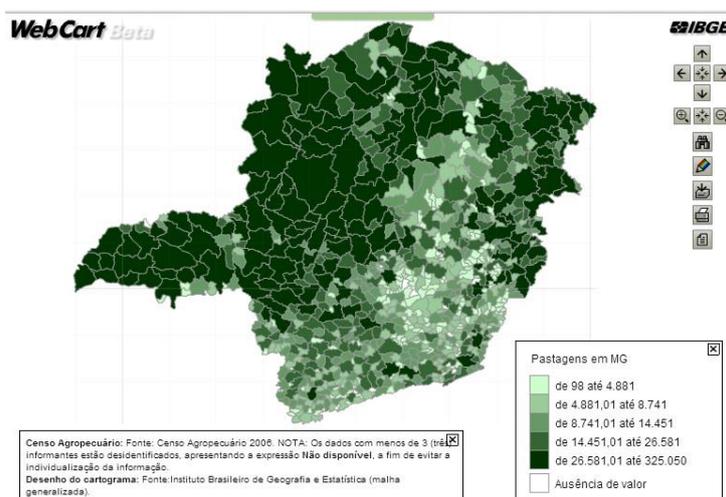
as principais fontes de recursos para os estados e união, o que aumenta a pressão sobre o Cerrado para abertura de novas áreas de produção, como é o caso atual de MATOPIBA.

Um dos principais pontos observados é o desmanche das áreas de preservação permanente obrigatórias ao longo dos rios, ou quaisquer que sejam os cursos d'água a ela associado. As matas ciliares são reconhecidas pela sua diversidade e riqueza genética, além do seu importante papel no resguardo dos recursos hídricos (Resende, 1998).

A plataforma WebCart, do IBGE, possibilita a criação de mapas interativos de acordo com as informações existentes no site. Ao mapear as informações relativas às áreas de lavoura e de pastagem no estado de Minas Gerais, principal unidade da federação citada no livro, dois mapas foram gerados (Figura 25 e Figura 26). A partir destes, fica claro o motivo de tantas imagens com alta incidência referentes às atividades agropecuárias.



**Figura 24.** Mapa relativo à área de lavouras no estado de Minas Gerais. Fonte: IBGE



**Figura 25.** Mapa relativo à área de lavouras no estado de Minas Gerais. Fonte: IBGE

### 4.3. Unidades de Conservação em Grande Sertão: Veredas

A primeira unidade de conservação brasileira se deu no ano de 1937, com a implantação do Parque Nacional de Itatiaia, situada no Rio de Janeiro. Com o passar dos anos outras unidades foram sendo criadas por motivos diversos: elevada beleza cênica, como é o caso do Parque Nacional do Itaguaçu; seja por algum fenômeno geológico, caso do Parque Nacional de Ubajara; ou por motivos de cunho político, como foi a criação do Parque Nacional da Amazônia (Pádua, 1991).

As unidades consideradas neste estudo são aquelas dentro da área de atuação do livro, totalizando 39 unidades de conservação, distribuídas em 10 categorias diferentes, sendo o Parque Estadual o mais frequente (15), seguido pelas Áreas de Proteção Ambiental (8) e Estação Ecológica (4) (Tabela 2).

**Tabela 2.** Quantitativo de UCs para cada tipo de categoria encontrada na região.

<b>Categoria</b>	<b>Quantidade</b>
<b>Área de Proteção Ambiental</b>	8
<b>Estação Ecológica</b>	4
<b>Floresta Nacional</b>	1
<b>Monumento Natural</b>	2
<b>Refúgio de Vida Silvestre</b>	1
<b>Reserva Biológica</b>	1
<b>Reserva de Desenvolvimento Sustentável</b>	1
<b>Reserva Particular do Patrimônio Natural</b>	3
<b>Parque Estadual</b>	15
<b>Parque Nacional</b>	3
<b>Total</b>	39

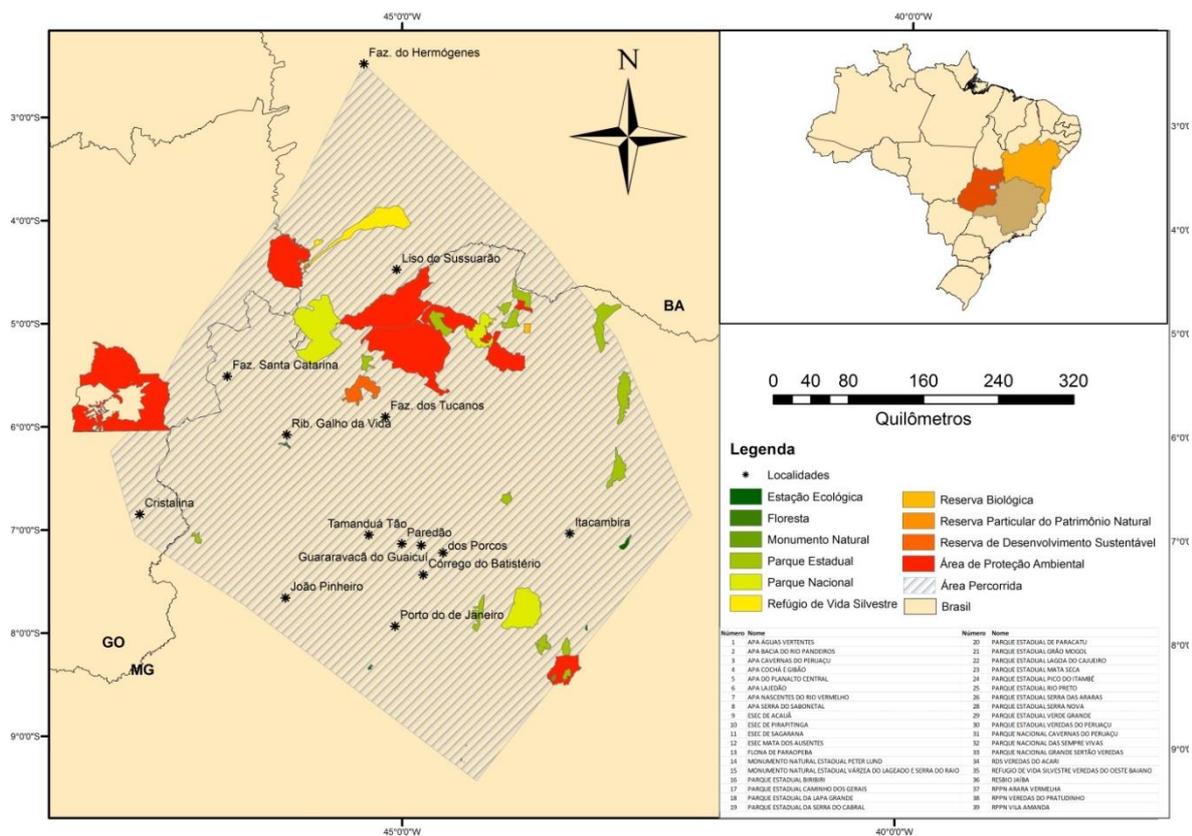
**Tabela 3.** Unidades de Conservação existentes na área do Grande Sertão: Veredas.

<b>Nome</b>	<b>Categoria</b>	<b>Grupo</b>	<b>Área (ha)</b>
<b>ESEC DE ACAUÃ</b>	Estação Ecológica	PI	6.459,06
<b>ESEC DE PIRAPITINGA</b>	Estação Ecológica	PI	1.383,42
<b>ESEC DE SAGARANA</b>	Estação Ecológica	PI	2.343,14
<b>ESEC MATA DOS AUSENTES</b>	Estação Ecológica	PI	975,66
<b>MONUMENTO NATURAL ESTADUAL PETER LUND</b>	Monumento Natural	PI	72,90
<b>MONUMENTO NATURAL ESTADUAL VÁRZEA DO LAGEADO E SERRA DO RAIÃO</b>	Monumento Natural	PI	2.199,98
<b>PARQUE ESTADUAL BIRIBIRI</b>	Parque Estadual	PI	17.376,96
<b>PARQUE ESTADUAL CAMINHO DOS GERAIS</b>	Parque Estadual	PI	56.236,89
<b>PARQUE ESTADUAL DA LAPA GRANDE</b>	Parque Estadual	PI	9.663,14
<b>PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO CABRAL</b>	Parque Estadual	PI	22.285,04
<b>PARQUE ESTADUAL DE PARACATU</b>	Parque Estadual	PI	6.400,37
<b>PARQUE ESTADUAL GRÃO MOGOL</b>	Parque Estadual	PI	34.878,34
<b>PARQUE ESTADUAL LAGOA DO CAJUEIRO</b>	Parque Estadual	PI	20.716,38
<b>PARQUE ESTADUAL MATA SECA</b>	Parque Estadual	PI	10.299,35
<b>PARQUE ESTADUAL PICO DO ITAMBÉ</b>	Parque Estadual	PI	6.520,36
<b>PARQUE ESTADUAL RIO PRETO</b>	Parque Estadual	PI	12.184,38
<b>PARQUE ESTADUAL SERRA DAS ARARAS</b>	Parque Estadual	PI	13.543,03
<b>PARQUE ESTADUAL SERRA NOVA</b>	Parque Estadual	PI	49.892,57
<b>PARQUE ESTADUAL VERDE GRANDE</b>	Parque Estadual	PI	25.551,65
<b>PARQUE ESTADUAL VEREDAS DO PERUAÇU</b>	Parque Estadual	PI	31.226,00
<b>PARQUE NACIONAL CAVERNAS DO PERUAÇU</b>	Parque Nacional	PI	56.413,26
<b>PARQUE NACIONAL DAS SEMPRE VIVAS</b>	Parque Nacional	PI	124.108,02
<b>PARQUE NACIONAL GRANDE SERTÃO VEREDAS</b>	Parque Nacional	PI	230.716,28
<b>REFUGIO DE VIDA SILVESTRE VEREDAS DO OESTE BAIANO</b>	Refúgio de Vida Silvestre	PI	127.952,71
<b>RESBIO JAÍBA</b>	Reserva Biológica	PI	6.348,63
<b>APA ÁGUAS VERTENTES</b>	Área de Proteção Ambiental	US	76.281,50
<b>APA BACIA DO RIO PANDEIROS</b>	Área de Proteção Ambiental	US	380.186,69
<b>APA CAVERNAS DO PERUAÇU</b>	Área de Proteção Ambiental	US	143.253,22
<b>APA COCHÁ E GIBÃO</b>	Área de Proteção Ambiental	US	284.620,18
<b>APA DO PLANALTO CENTRAL</b>	Área de Proteção Ambiental	US	504.132,64
<b>APA LAJEDÃO</b>	Área de Proteção Ambiental	US	11.243,32
<b>APA NASCENTES DO RIO VERMELHO</b>	Área de Proteção Ambiental	US	176.248

<b>Nome</b>	<b>Categoria</b>	<b>Grupo</b>	<b>Área (ha)</b>
<b>APA SERRA DO SABONETAL</b>	Área de Proteção Ambiental	US	86.589,3 2
<b>FLONA DE PARAOPEBA</b>	Floresta Nacional	US	203,15
<b>RDS VEREDAS DO ACARI</b>	Reserva de Desenvolvimento Sustentável	US	58.736,6 5
<b>RPPN ARARA VERMELHA</b>	Reserva Particular do Patrimônio Natural	US	254,28
<b>RPPN VEREDAS DO PRATUDINHO</b>	Reserva Particular do Patrimônio Natural	US	2.236,80
<b>RPPN VILA AMANDA</b>	Reserva Particular do Patrimônio Natural	US	34,31

Com base nos dados coletados na obra *Grande Sertão: Veredas*, sobrepos mapas vetoriais da área percorrida por Riobaldo, com as unidades de conservação da região.

Quanto ao posicionamento das localidades, nenhuma foi sobreposta no interior dos polígonos referentes às UCs. Algumas unidades se situaram próximas a alguns destes locais identificados. Assim, pode-se dizer que, apesar de haver um grande número de apreciadores e conhecedores da obra de Guimarães Rosa, alvo deste estudo, o próprio livro não parece ser capaz de estimular de forma eficiente a conservação do cerrado brasileiro, com exceção do Parque Nacional Grande Sertão Veredas. O agronegócio matou o sertão.



**Figura 26.** Sobreposição das localidades retiradas da obra rosiana com as unidades de conservação. Fonte: do autor.

A Tabela 4 indica o quantitativo de unidades de conservação no raio de ação de Riobaldo, sendo destas, 26 pertencentes ao grupo de unidades de Proteção Integral e 13 de Uso Sustentável. As áreas destes dois grupos, no entanto, indicam um resultado interessante. Apesar de ter o dobro de unidades de proteção integral em relação às de uso sustentável, sua área equivale pouco mais que a metade da área referente às unidades do segundo grupo. Isso passa uma falsa sensação de proteção ao bioma, quando apenas quantificamos o número de unidades de proteção integral, quando o mais correto é correlacionar a categoria da unidade ao seu grupo pertencente.

Unidades de uso sustentável não são capazes de proteger a vegetação tanto quanto as de Proteção Integral, mesmo possuindo áreas maiores. As taxas de desmatamento dentro de unidades de manejo menos restritivas são semelhantes às existentes fora da unidade, indicando que não são eficientes no tocante a conservação da biodiversidade (Françoso et al 2015).

**Tabela 4.** Áreas referentes aos diferentes grupos de unidades de conservação presentes na região.

Grupo	Nº	Área (ha)	Área (%)
Proteção Integral	26	889.731,80	34,04
Uso Sustentável	13	1.724.020,19	65,96
<b>Total</b>	<b>39</b>	<b>2.613.751,99</b>	<b>100</b>

#### 4.3.1. A biodiversidade das Unidades de Conservação

O bioma no qual a maior parte do livro se passa, o Cerrado, é o segundo maior bioma da América do Sul (IBAMA, 2010) e é a savana com maior biodiversidade do mundo, sendo considerado um dos *hotspots* mundiais da biodiversidade, pois apresenta alta diversidade e endemismo de espécies, assim como se encontra sob alto grau de ameaça (Myers *et al.*, 2000; Mittermeier *et al.*, 2004). É a única savana do mundo considerada um hotspot de conservação.

O estado de Minas Gerais abriga três importantes biomas brasileiros. São eles: o Cerrado, a Mata Atlântica e a Caatinga. Cerca de 785 espécies, das 1.678 de aves registradas para o Brasil, ocorrem em Minas Gerais (Sick 1997). Destas, 54 são endêmicas da Mata Atlântica, 20 são endêmicas do Cerrado e 12 só ocorrem na Caatinga, existindo, ainda, 9 espécies típicas de regiões montanhosas do sudeste brasileiro.

**Tabela 5.** Biodiversidade de flora e fauna de diferentes unidades de conservação.

Nome	Área (ha)	Flora	Aves	Número de espécies			
				Mamíferos	Anfíbios	Répteis	Peixes
PARNA Grande Sertão Veredas	230.716,28	623	244	77	22	30	60
Parque Estadual do Rio Preto	12.184,38	158	204	45	27	33	13
Parque Estadual Verde Grande	25.551,65	86	89	5	25	27	-
APA do Planalto Central	504.132,64	403	366	114	44	77	234

Os valores referentes às quantidades de espécies encontradas em cada unidade foram retiradas de seus respectivos planos de manejo. Quanto a isso, apenas quatro, das 39 unidades consideradas, possuem esse documento. Esse é mais um fator que prejudica e dificulta a conservação da biodiversidade da região, uma vez que este documento é fruto de uma série de estudos dos meios físico, biológico e social MMA (2009), estabelecendo normas,

restrições de uso e ações desenvolvidas em relação ao manejo dos recursos naturais existentes na UC. De acordo com o SNUC, o plano de manejo é “*documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos gerais de uma unidade de conservação, se estabelece o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade*”. Resumidamente, o plano de manejo é o documento orientador, que implica na elaboração e entendimento dos diversos fatores vitais para sua gestão, de forma sustentável, dos recursos existentes em quaisquer atividades existentes dentro ou nos arredores da UC, de modo a harmonizar os diferentes usos da terra com a conservação da biodiversidade ICMBIO (2007).

A alta diversidade de espécies, muitas delas endêmicas da região, é um fator muito apreciado por ecoturistas, que buscam nessas paisagens o lazer e descanso nos períodos de férias e feriados, visto que este tipo de programa cabe a todas as idades e diferentes bolsos, além de aproximar a sociedade com a natureza, viabilizando uma maior compreensão na importância da conservação de áreas naturais.

A importância do turismo no Brasil pode ser confirmada pelo aumento de 20,8% de desembarques domésticos no ano de 2010, em relação ao ano anterior, correspondendo a 67,6 milhões. O quantitativo de visitantes estrangeiros também cresceu. Em 2010, o país recebeu 5,161 milhões de turistas vindos do exterior, aumento que representa 7,48% em relação ao ano de 2009 SEBRAE (2011).

Deste modo, as unidades de conservação merecem uma maior atenção e políticas públicas que visem uma maior proximidade para com o público, de modo a incentivar a visitação para que se tornem locais mais valorizados e que despertem o interesse da sociedade. Afinal, uma sociedade não valoriza o que não conhece, e uma sociedade não defende aquilo que não é valorizado. Portanto, uma estratégia que fomente o uso público é de vital importância (Putney, 2013).

#### **4.4. Paisagem atual**

O Cerrado brasileiro é considerado a última fronteira agrícola do planeta (Borlaug, 2002). Este bioma possui cerca de 2 milhões de quilômetros quadrados, e estima-se que metade de sua área já foi transformada em pastagens plantadas, culturas anuais, silvicultura, áreas urbanas, dentre outros (Machado *et al.*, 2004).

“*O mal ou o bem, estão é em quem faz: não é no efeito que dão.*” Página 77.

O solo brasileiro com maior área relativa é o latossolo (31,49%), seguido do argissolo (26,84%). No cerrado, cerca de 40% de sua superfície é coberta por latossolo, seguido por argissolo, 12%. Estes dois solos em questão possuem características favoráveis à atividades agrícolas ou pecuárias, pois são profundos, bem drenados e se encontram em ambientes com topografia plana a levemente ondulada, facilitando a mecanização das atividades citadas.

De acordo com as imagens selecionadas para cada localidade extraída da obra (item 4.2), é possível inferir que a região do *Grande Sertão: Veredas* está altamente alterada do ponto de vista ambiental. Após décadas de incentivos por parte do governo federal, que buscava impulsionar a ocupação do interior do Brasil durante toda a década de 1970, o sertão descrito por Guimarães Rosa vem se perdendo desde então, ano após ano. O Agronegócio matou o Sertão.

#### **4.5. Relevância do estudo**

Além dos produtos esperados citados acima, espero, com este estudo, fomentar novos trabalhos, nos mais diversos âmbitos, que possam trazer novos conhecimentos, e consequentemente, favorecer o desenvolvimento da região. São eles:

##### **a. Desenvolvimento da região através do turismo**

Uma área de interesse na conservação de áreas nativas é o turismo. Hoje, este setor emprega uma importante quantidade de pessoas. A região noroeste de Minas Gerais é de grande potencial para esta atividade em seus mais variados tipos. A região é rica em festas populares de cunho religioso, como a Folia dos Reis; Romaria de Santo Antônio, comemorada há mais de 100 anos; Festa do Padroeiro Santo Agostinho; entre muitas outras. Pessoas do Brasil todo viajam para as cidades da região em busca destas festividades.

O turismo de aventura também deve ser explorado. A região conta com inúmeros pontos de beleza cênica sem igual, o que é mais um atrativo àqueles que buscam praticar esportes permeados pelas belezas naturais existentes. Atividades como rapel, escalada, *trekking* e *mountain bike* são algumas das opções.

O ecoturismo cultural é mais um nicho que pode ser explorado, visto que a região é palco da obra em questão, *O Grande Sertão: Veredas*, de forma que muitos buscam visitar a região após a leitura do livro de Guimarães Rosa. Já existe, no entanto, projetos que buscam essa interação, como é o caso do *Caminhos do Sertão*, que se baseia em uma caminhada de mais

de 150 km, partindo de Sagarana com destino final à Chapada Gaúcha, na data em que ocorre a festa cultural Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas, projeto cultural criado pela FUNATURA e que já está em sua décima quarta edição.

Desta forma, o turismo deve ser incentivado visando movimentar o comércio local/regional (hotéis, restaurantes, artesanato, gastronomia, entre outros), aumentando a oferta de empregos e melhorando a qualidade de vida da população e disseminando a cultura mineira país afora.

#### **b. Estimular parcerias**

De acordo com o artigo 26 da Lei Nº 9.985 de 18 de julho de 2000 – Sistema Nacional de Unidades de Conservação – *“Quando existir um conjunto de unidades de conservação de categorias diferentes ou não, próximas, justapostas ou sobrepostas, e outras áreas protegidas públicas ou privadas, constituindo um mosaico, a gestão do conjunto deverá ser feita de forma integrada e participativa,(...) de forma a compatibilizar a presença da biodiversidade, a valorização da sociodiversidade e o desenvolvimento sustentável no contexto regional.”*

Segundo o ICMBIO, existem no Brasil 13 (treze) Mosaicos oficialmente reconhecidos. Destes, apenas sete possuem o Planejamento Estratégico elaborado, o que evidencia uma clara vulnerabilidade destas regiões quanto à manutenção do estado de conservação de suas áreas.

Na região noroeste de Minas Gerais se encontra o Mosaico Grande Sertão: Veredas – Peruaçu, e, segundo seu Plano Estratégico, abrangendo quatorze Unidades de Conservação, sendo seis delas de Proteção Integral, somando pouco menos de 350.000 ha. Nesta categoria, existem três Parques Estaduais, dois Parques Nacionais e um Refúgio Estadual de Vida Silvestre.

**Quadro 1.** Unidades de conservação que compõem o Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu, localizado no norte de Minas Gerais.

<b>Grupo</b>	<b>Unidade de Conservação/Área Indígena</b>	<b>Área (ha)</b>	<b>Total (ha)</b>
<b>Proteção Integral</b>	<b>Federais</b>		<b>346.552,00</b>
	PARNA Grande Sertão Veredas	230.671,00	
	PARNA Cavernas do Peruaçu	56.800,00	
	<b>Estaduais</b>		
	Parque Estadual Veredas do Peruaçu	31.552,00	
	Parque Estadual Serra das Araras	11.146,00	
	Parque Estadual da Mata Seca	10.281,00	
	Refúgio Estadual de Vida Silvestre do Pandeiros	6.102,00	
<b>Uso Sustentável</b>	<b>Federais</b>		<b>898.523,53</b>
	APA Cavernas do Peruaçu	146.900,00	
	<b>Estaduais</b>		
	APA Estadual do Pandeiros	393.060,00	
	APA Estadual Rio Cochá-Gibão	284.468,29	
	RDS Veredas do Acari	60.975,00	
	<b>Particulares</b>		
	RPPN do Porto Cajueiro	8.470,00	
	RPPN Veredas do Pacari	346,79	
	RPPN da Arara Vermelha	248,45	
	RPPN Fazenda Ressaca	4.055,00	
<b>Área Legalmente Protegida</b>	Reserva Indígena dos Xacriabás	56.800,00	<b>56.800,00</b>
<b>Área Total</b>			<b>1.301.875,53</b>

Segundo o Plano, as Unidades de Uso Sustentável perfazem pouco menos de 900.00 ha, quase três vezes a área de Proteção Integral, distribuídas em Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN (4), Área de Proteção Integral – APA (3) e Reserva de Desenvolvimento Sustentável – RDS (1).

O Plano de Manejo do PNGSV é fruto de parcerias organizadas pela Fundação Pró-Natureza (FUNATURA), que obteve subsídio com suporte técnico e financeiro, do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA); assim como suporte financeiro da The Nature Conservancy (TNC) e da Fundação O Boticário de Proteção à Natureza (FBPN).

Desta forma, o presente estudo busca fortalecer as uniões existentes, exemplificadas pelo PNGSV e Mosaico Veredas-Peruaçu (Figura 1 **Error! Reference source not found.**), bem

como incentivar uma maior colaboração entre as Unidades de Conservação existentes na região, fomentando o desenvolvimento da região como um todo.

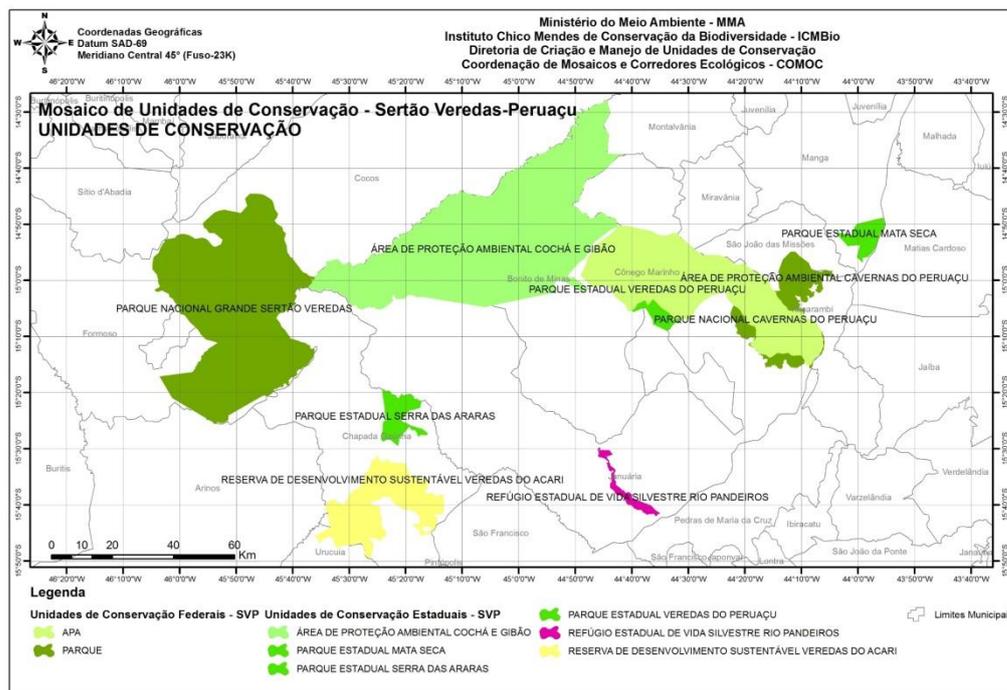


Figura 27. Unidades de Conservação que compõem o Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu. Fonte: MMA (2007).

### c. Fomentar a cultura brasileira

Há um número relevante de admiradores da obra-prima *O Grande Sertão: Veredas*, e a demanda para conhecer a região é cada vez maior. Tais admiradores estão dispostos a viajar para não apenas conhecer, mas vivenciar um pouco do sertão que Guimarães Rosa descreveu com tamanha veracidade. A fauna e flora da região, além das diversas cachoeiras e festas culturais, são atrativos para pessoas que buscam na natureza o lazer necessário nas épocas de férias. No ANEXO I está a lista da flora citada no livro.

### d. Fortalecer as Unidades de Conservação

Com o fomento ao fortalecimento das parcerias existentes e o incentivo às novas, a relevância deste estudo também busca engrandecer os serviços prestados pelas Unidades de Conservação da região, de modo a incentivar novos estudos e projetos semelhantes a esse,

com o objetivo de enaltecer as belezas culturais, cênicas, sociais, culturais e econômicas existentes na região.

#### **e. Reduzir degradação do bioma Cerrado**

Com o presente trabalho, espero maior conscientização da população local e regional, principalmente daquelas que buscam visitar a região noroeste de Minas Gerais com o fim de conhecer um pouco mais o Sertão rosiano. A redução de impactos ambientais no bioma Cerrado é de suma importância para garantir às futuras gerações a possibilidade de conhecerem os atrativos existentes.

### **5. Considerações finais**

- Foi possível indicar algumas localidades citadas no texto, tais como a terra natal de Riobaldo Tatarana, localizada no município de João Pinheiro, bem como o local onde Diadorim passou sua juventude, no chamado dos-Porcos, no município de Lassance.
- As localidades identificadas não estão localizadas em Unidades de Conservação e grande parte da paisagem destas localidades estão convertidas pelo agronegócio. Desta forma, se não forem tomadas medidas urgentes de conservação desta paisagem, elas serão irremediavelmente modificadas pelo uso antrópico, desaparecendo com elas a paisagem cultural descrita por Guimarães Rosa.
- A percepção visual das imagens alvos da fotointerpretação sugere a conversão do Cerrado em paisagens homogêneas e monótonas, com presença, quase exclusiva, de áreas de produção ligadas às atividades da agricultura e pecuária, principalmente.
- O estudo mostra a necessidade da criação de novas unidades de conservação para proteger a biodiversidade cultural e de espécies existentes na área de estudo, incentivando o apoio às culturas tradicionais.

## 6. Referências Bibliográficas

Agência Nacional das Águas (ANA). Disponível em: <http://metadados.ana.gov.br/geonetwork/srv/pt/main.home> Acesso em: 02 de novembro de 2015.

Brasil. Ministério do Meio Ambiente. **Plano de Ações Estratégicas e Integradas para o Desenvolvimento do Turismo Sustentável na Bacia do Rio São Francisco**. Brasília, 2006.

BESSA, N.G.F.de. **Prospecção fitoquímica preliminar de plantas nativas do cerrado de uso popular medicinal pela comunidade rural do assentamento vale verde – Tocantins**. Tocantins, 2013.

Borlaug, N.E. Feeding a world of 10 billion people: the miracle ahead. Roseville, EUA, 2002.

Brait, B. **Literatura Comentada: João Guimarães Rosa**. Ed. Abril. São Paulo, 1982.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Disponível em: <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/arroz/arvore/CONT000fesi63xh02wx5eo0y53mhyx67oxh3.html> Acesso em: 03 de dezembro de 2015.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. In MIRANDA, E. E. et al. **Nota Técnica - Proposta de Delimitação Territorial do MATOPIBA**. Embrapa/Agrotec. Disponível em <http://www.embrapa.br> Acesso em 01 de dezembro de 2015.

Françoso, D. R. **Habitat loss and the effectiveness of protected areas in the Cerrado Biodiversity Hotspot**. Brasília, 2015.

FUNATURA. **Plano de Desenvolvimento Territorial de Base Conservacionista do Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu**. Brasília, 2008.

IBAMA/FUNATURA. **Plano de Manejo do Parque Nacional Grande Sertão Veredas**. Brasília, 2003.

ICMBIO. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/planos-de-manejo.html> Acesso em: 03 de dezembro de 2015.

ICMBIO/MMA. **Plano de Manejo da APA do Planalto Central – Encarte 2 – Análise Regional**. Brasília, 2015.

IEF/SEMAD. **Plano de Manejo do Parque Estadual do Rio Preto**. Curitiba, 2004.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=mg&tema=lavouratemporaria2013> Acesso em 15 de junho de 2015.

Instituto Chico Mendes de Conservação da Natureza, Mosaicos Reconhecidos Oficialmente. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/o-que-fazemos/mosaicos-e-corredores-ecologicos/mosaicos-reconhecidos-oficialmente.html> Acesso em 20 de agosto de 2015.

Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: [www.floradobrasiljbrj.gov.br](http://www.floradobrasiljbrj.gov.br) Acesso em: 03 de dezembro de 2015.

Machado, R.B. *et al.* **Estimativas de perda da área do Cerrado brasileiro**. Brasília, 2004.

Martins, S. O. F. **Algumas plantas medicinais do cerrado utilizadas na cultura popular e nas farmácias de manipulação de ocorrência em ambiente natural de duas áreas distintas do Triângulo Mineiro – Mg**. Uberlândia, 2006.

Mendonça Filho, Dálio. **O estudo do ecoturismo praticado na Chapada dos Veadeiros, no estado de Goiás, Brasil. Uma visão estratégica**. Brasília, 2006.

Metzger, J.P. **O que é ecologia de paisagens?** São Paulo, 2001.

Meyers. N., R.A. Mittermeier, C.G. *et al.* **Biodiversity hotspots for conservation priorities**. 2000.

Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/biomas/cerrado> Acesso em 03 de dezembro de 2015.

Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/unidades-de-conservacao/plano-de-manejo> Acesso em 03 de dezembro de 2015.

Muñarríz, A.L. **La categoría de paisaje cultural**. Universidade de Murcia, 2011.

Putney, D.A. **La dimension magica de las areas protegidas**. Revista Parque, 2013.

Resende, A. V. **Importância das matas de galeria: manutenção e recuperação**. In: RIBEIRO, J. F. Cerrado: matas de galeria. Planaltina: Embrapa- CPAC, 1998. p. 1-15

Rosa, J. G. **O Grande Sertão: Veredas**. 1956.

Sampaio, T. **Vocabulário Geográfico Brasileiro**. São Paulo, 1970.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Estudo de competitividade de produtos turísticos**. Brasília, 2011.

Sick, H. **Ornitologia Brasileira**. Rio de Janeiro, 2001.

Viggiano, A. **O itinerário de Riobaldo Tatarana: Geografia e Toponímia em Grande Sertão: Veredas**. 1974.

Zanirato, H.S. *et al.* **Patrimônio cultural: percepção da natureza como um bem não-renovável**. Revista Brasileira de História. São Paulo, 2006.

## Anexo I

**Tabela 6.** Lista de espécies vegetais citadas em *O Grande Sertão: Veredas*. Fonte: do autor.

Nome Popular	Nome Científico	Família	Hábito
Aderno-preto	<i>Astronium concinnum</i> Schott	Anacardiaceae	Árvore
Angico	<i>Anadenanthera</i> sp.	Fabaceae	Árvore
Anil-trepador	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E.Jarvis	Vitaceae	Liana
Anis	Não identificada	-	-
Arapavaca, Arapiraca	<i>Anadenanthera peregrina</i> var. <i>falcata</i> (Benth.) Altschul	Fabaceae	Árvore
Araticum	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	Annonaceae	Árvore
Assa-peixe	<i>Vernonia</i> sp.	Asteraceae	Erva
Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Fabaceae	Árvore
Bate caixa	<i>Palicourea rigida</i> Kunth	Rubiaceae	Árvore
Breu-branco	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	Burseraceae	Árvore
Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i>	Arecaceae	Palmeira
Cabeça de frade	<i>Melocactus bahiensis</i> (Britton & Rose) Luetzelb.	Cactaceae	Subarbusto
Caculucage	<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	Asteraceae	Arbusto
Cajueiro	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	Árvore
Cajueiro anão	<i>Anacardium humile</i> A.St.-Hil.	Anacardiaceae	Árvore
Candeia	<i>Eremanthus erythropappus</i> (DC.) MacLeish	Asteraceae	Árvore
Canela de ema	<i>Vellozia</i> sp.	Velloziaceae	Subarbusto
Canela do Brejo	<i>Ocotea pulchella</i> (Nees & Mart.) Mez	Lauraceae	Árvore
Capa rosa de judeu	Não identificada	-	-
Capim-marmelada	<i>Brachiaria plantaginea</i> (Link) Hitchc.	Poaceae	Gramínea
Capim-redondo	<i>Trachypogon</i> sp.	Poaceae	Gramínea
Capitão do campo	<i>Terminalia argentea</i> Mart.	Combretaceae	Árvore
Capitão-da-sala	<i>Asclepias curassavica</i> L.	Apocynaceae	Erva
Caraíba	<i>Handroanthus caraiba</i>	Bignoniaceae	Árvore
Caraíba da flor roxa	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Bignoniaceae	Árvore
Dejaniras	<i>Dejanira erubescens</i> Cham. & Schlttdl.	Gentianaceae	Erva
Faveira	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	Fabaceae	Árvore
Fedegoso-bravo	Não identificada	-	-
Folha-larga	Não identificada	-	-
Frei Jorge, Freijó	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud.	Boraginaceae	Árvore
Gameleira (Branca)	<i>Ficus gomelleira</i> Kunth	Moraceae	Árvore
Herva curraleira	<i>Croton antisiphiliticus</i> Mart.	Euphorbiaceae	Erva
Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.	Rubiaceae	Árvore
Jurema	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	Fabaceae	Arbusto
Lágrimas de nossa senhora	<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	Poaceae	Erva
Lobeira	<i>Solanum lycocarpum</i> A.St.-Hil.	Solanaceae	Árvore
Macaúba	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Arecaceae	Palmeira
Mandacaru	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cactaceae	Árvore
Mangaba	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Apocynaceae	Árvore

<b>Nome Popular</b>	<b>Nome Científico</b>	<b>Família</b>	<b>Hábito</b>
<b>Maria-brava</b>	Não identificada	-	-
<b>Maria-zipe</b>	Não identificada	-	-
<b>Neves</b>	Não identificada	-	-
<b>Ouricuri</b>	<i>Syagrus coronata (Mart.) Becc.</i>	Arecaceae	Palmeira
<b>Palmeira Pindoba</b>	<i>Attalea oleifera Barb.Rodr.</i>	Arecaceae	Palmeira
<b>Pau amarante</b>	<i>Poincianella bracteosa (Tul.) L.P.Queiroz</i>	Fabaceae	Árvore
<b>Pau cardoso</b>	Não identificada	-	-
<b>Pau de vaca</b>	<i>Bauhinia sp.</i>	Fabaceae	Árvore
<b>Pau doce</b>	<i>Vochysia elliptica Mart.</i>	Vochysiaceae	Árvore
<b>Pau pombo</b>	<i>Tapirira guianensis Aubl.</i>	Anacardiaceae	Árvore
<b>Pau-de-sangue</b>	<i>Machaerium brasiliense Vogel</i>	Fabaceae	Árvore
<b>Pau-paraíba</b>	<i>Simarouba versicolor A.St.-Hil.</i>	Simaroubaceae	Árvore
<b>Quixabeira</b>	<i>Sideroxylon obtusifolium (Roem. &amp; Schult.) T.D.Penn.</i>	Sapotaceae	Árvore
<b>Sassafrás</b>	<i>Ocotea sp.</i>	Lauraceae	Árvore
<b>Sempre viva serrã</b>	<i>Paepalanthus sp.</i>	Eriocaulaceae	Erva
<b>Simaruba</b>	<i>Simarouba sp.</i>	Simaroubaceae	Árvore
<b>Sinhazinha</b>	Não identificada	-	-
<b>Umburana branca</b>	<i>Amburana cearensis (Allemão) A.C.Sm.</i>	Fabaceae	Árvore
<b>Umbúzeiros</b>	<i>Spondias tuberosa Arruda</i>	Anacardiaceae	Árvore
<b>Urtigão</b>	<i>Urtica sp.</i>	Urticaceae	Subarbust o
<b>Xique-xique</b>	<i>Pilosocereus sp.</i>	Cactaceae	Subarbust o